

Cumbuca

Araçáju - Ano I • Nº 2 - Julho/13 R\$ 15,00



 Editora
Diário Oficial

Sergipanidade

Expediente

**Editor**

Antônio Amaral Cavalcante

Produção

Sônia Pedrosa

Design Gráfico/Ilustração

Ananda Barreto
Clara Macedo
Edson Lima
Felipe Ferreira
Hugo Geovanni (designer convidado para esta edição)

Revisão

Rosilene Santos
Vanessa Góes

Assessoria Técnica

Jeferson Melo
José Alberto (Tidê)

Copy-desk

Suyene Correia dos Santos
Thamires Fonseca

Consultores nesta edição:

Ana Libório
Carlos Cauê
Hélvio Maciel
Pascoal Maynard

Colaboradores - Neste Número

Terezinha Alves de Oliva • Luiz Antonio Barreto • Maria Augusta Mundim Vargas • Luiz Eduardo Oliveira • Adolfo Sá • Maria Cristina Gama
Grace Melo • Dilson Ramos • Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento • Petrônio Gomes • Amaral Cavalcante

Cumbuca

Ano I | Número II

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79)3205-7421

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE



Governo do Estado de Sergipe

Governador

Marcelo Déda Chagas

Vice-Governador

Jackson Barreto

Secretário de Estado de Governo

Pedro Marcos Lopes



Serviços Gráficos de Sergipe

Diretor-Presidente

Jorge Carvalho do Nascimento

Diretor Industrial

Mílton Alves

Diretor Administrativo-Financeiro

Carlos Alberto Leite Prado



sumário

Carta ao Leitor

A segunda edição de *Cumbuca* comemora a emancipação política de Sergipe, consignada na Carta Régia assinada pelo monarca português D. João VI, em 8 de julho de 1920. Essa data vem sendo festejada pelo nosso povo como o Dia da Sergipanidade, quando exaltamos as peculiaridades culturais e étnicas que nos caracterizam.

Alguns aspectos deste modo sergipano de ser são abordados aqui, seja na apreensão do espírito festeiro das nossas manifestações folclóricas, na produção literária dos nossos escritores, na criatividade dos nossos artistas, ou no registro de atividades esportivas essenciais ao desenvolvimento saudável da juventude, como o Surf praticado nas águas peroladas das nossas praias.

A presente edição traz, ainda, considerações sobre a oportuna reedição pela Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe, da obra completa do pensador sergipano Tobias Barreto, organizada pelo historiador Luiz Antonio Barreto e apresentada pelo governador Marcelo Déda.

Finalmente, *Cumbuca* homenageia um dos maiores cronistas da vida sergipana, Petrônio Gomes, publicando uma crônica sua, inédita, e apresenta uma interessante versão de um texto literário para HQ, ilustrado por Edson Lima, que integra o setor de designers da Segrase.

Boa leitura.

Amaral Cavalcante
Editor

12 - Sergipanidade, um Conceito em Construção

Luiz Antonio Barreto

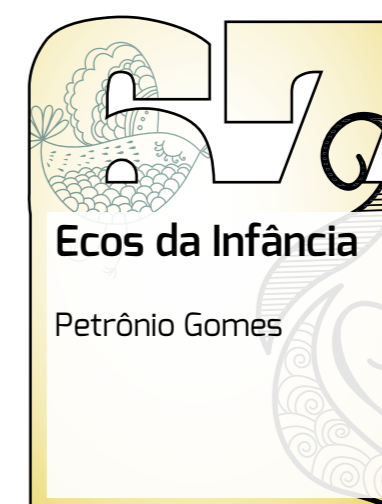
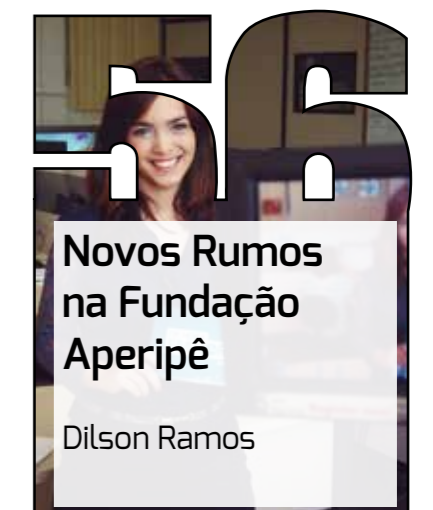
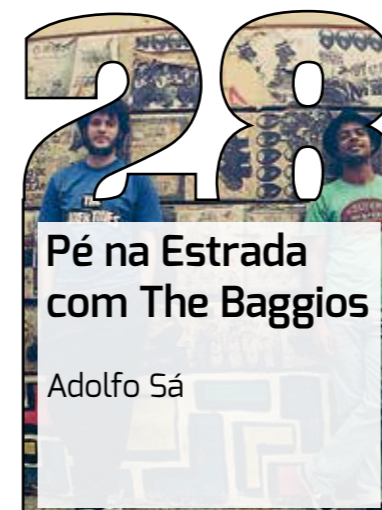
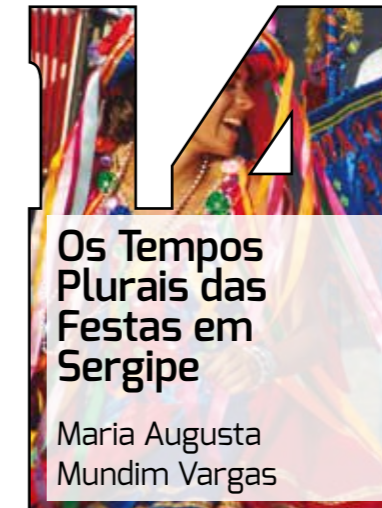
36 - Poesia

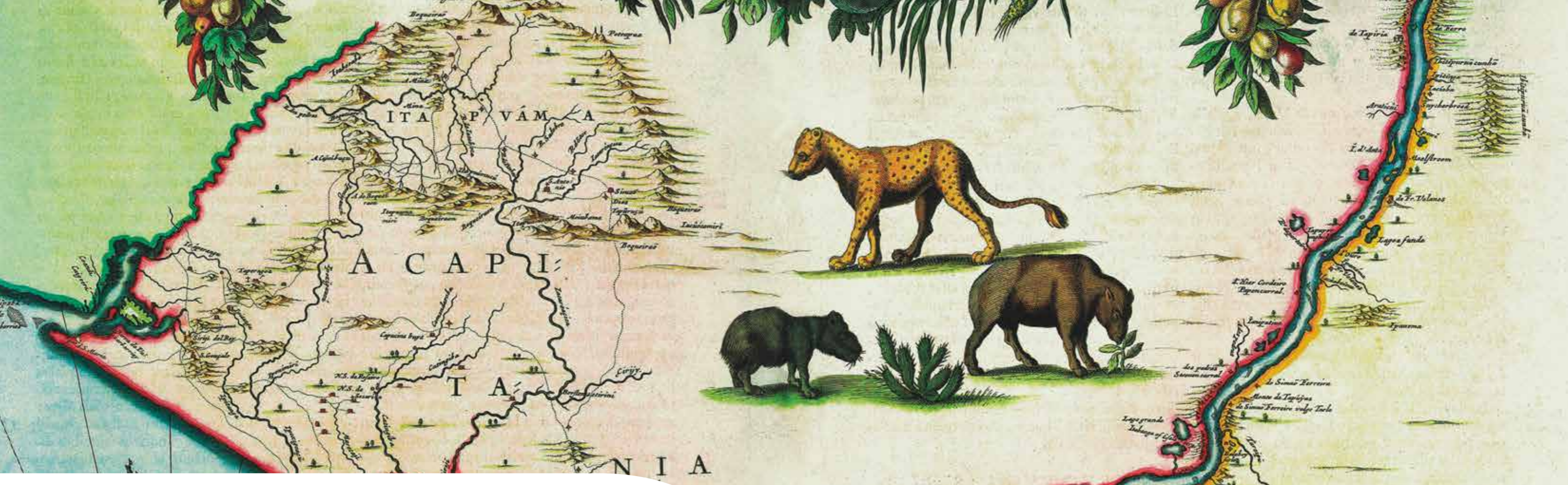
Maria Cristina Gama

52 - As Obras Completas de Tobias Barreto Permitem Rever a História do Brasil

Errata:

Na página 16 da edição anterior desta revista, o ano de nascimento de Luiz Antonio Barreto está incorreto. O ano certo é 1944.





Em torno do 8 de julho:
**Questões sobre
a Emancipação
Política de Sergipe**

Terezinha Alves de Oliva

Sem entusiasmo, o republicano Felisbello Freire trata sobre o tema da Emancipação Política na sua consagrada "História de Sergipe". Atribui à "simpatia do soberano" o Decreto de 8 de julho de 1820, que elevou Sergipe à condição de Capitania Independente da Bahia, entendendo que a emancipação foi uma dádiva do rei D. João VI, conseqüente da vitória sobre a Revolução Pernambucana de 1817. Chegado ao Brasil em 1808, com a transferência da Corte Portuguesa, no contexto das guerras napoleônicas, o monarca introduziu várias e importantes mudanças, procurando tornar a Colônia compatível com a presença da Corte e visando a honrar os compromissos assumidos naquela conjuntura. Mas enfrentou reações como a Revolução Pernambucana de 1817, movimento republicano que teve repressão sangrenta, com a contribuição de tropas e mantimentos fornecidos pelas capitanias de Alagoas e de Sergipe.



Avisão de que a Emancipação de Sergipe teria sido apenas resultado do reconhecimento real à contribuição dada para garantir a vitória da monarquia portuguesa sobre os ideais democráticos foi repetida à exaustão. Ela se emparelha à Independência de Alagoas, desmembrada de Pernambuco como punição à província revoltosa e como reconhecimento aos proprietários rurais alagoanos que se mantiveram fiéis à Coroa. O tratamento inicial, dado por Felisbello Freire ao tema, deve ser compreendido também como desabafo de um republicano da primeira hora, para quem a histórica tradição de movimentos com o objetivo de instaurar a República no Brasil tornou-se especialmente cara. A leitura do texto do historiador, no seu decorrer, provoca outra percepção do conteúdo processual da Emancipação e dos significados da Carta Régia. “O Decreto [a Carta Régia] rompia de todo os laços de dependência em que Sergipe tinha vivido até então para com a Bahia e uma nova vida administrativa e econômica ia prender a atividade de seus filhos, isentos da tutela em que tinham estado” (FREIRE, 1891: 223-224).

Como se sabe, a tutela da Bahia teve origem na conquista de Sergipe, realizada em 1590 sob o comando de Cristóvão de Barros, que venceu os índios e distribuiu suas terras em sesmarias. Durante mais de dois séculos, Sergipe foi Capitania Subalterna, dedicada a abastecer a capital através da sua produção agropecuária, recebendo dela as autoridades, as famílias

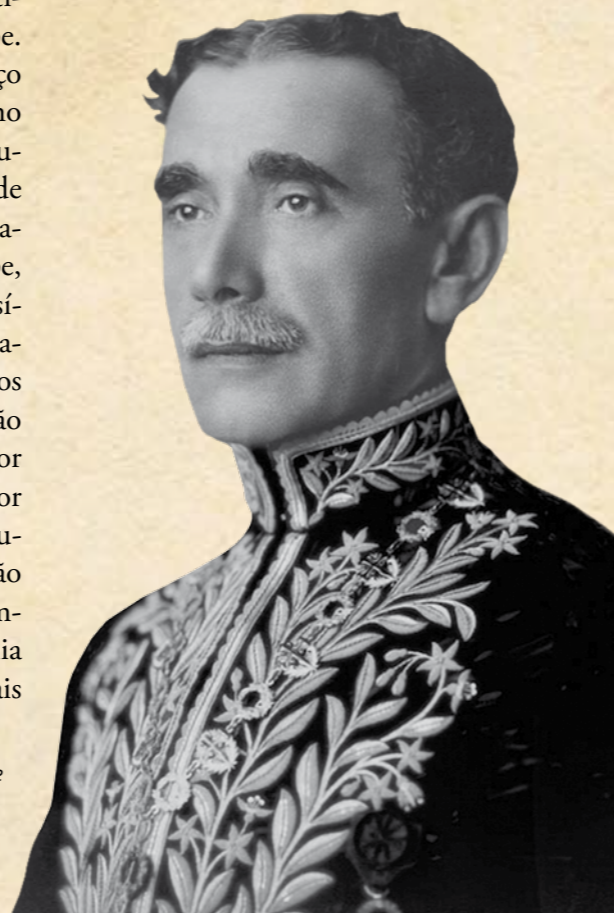
dominantes, os encargos, os produtos do seu comércio. Nesse longo período, a Capitania vivenciou arbítrios, conflitos, desmandos. Relegado à posição de retaguarda da Bahia nos episódios da Guerra Holandesa (1637-1645), o território sergipano foi entregue à estratégia do comando das tropas da metrópole, que destruiu rebanhos e plantações para dificultar o avanço do invasor em direção à Bahia. Abandonado à própria sorte, esse território chegou a ser concedido a um empresário holandês em 1642, mas a Companhia das Índias Ocidentais desaprovou o contrato de cessão. Quando a guerra terminou e os litigantes assinaram a Paz de Haia, as contribuições impostas pela Bahia para honrar os compromissos assumidos, exacerbaram os protestos e o sentimento de autonomia em Sergipe.

No século XVIII, o esforço para a recuperação do rebanho bovino e das lavouras, associou-se ao crescimento da atividade açucareira, que traria nova estatura para a economia de Sergipe, cuja importância tornava-se visível pelo movimento de exportação mantido através dos portos baianos. Em 1809, a separação da Bahia já era recomendada por autoridades como o Capitão-mor Mesquita Pimentel, como solução para certa insubordinação atribuída à consciência dessa importância crescente. A Capitania borda-se de engenhos. São mais

“ Na natureza das relações Sergipe-Bahia, encontram-se as explicações para o cenário em que decorreu o processo da Emancipação de Sergipe, jogado na teia de acontecimentos da política do Reino de Portugal e da formação do Império do Brasil. ”



Felisbello Freire



Laudelino Freire

de duas centenas nas primeiras décadas do século XIX, a estabelecer relações com o comércio da Bahia, com os capitalistas que financiavam a produção e controlavam o comércio do açúcar, que abasteciam o mercado de escravos e de todos os bens demandados pela sociedade açucareira. Na natureza das relações Sergipe-Bahia, encontram-se as explicações para o cenário em que decorreu o processo da Emancipação de Sergipe, jogado na teia de acontecimentos da política do Reino de Portugal e da formação do Império do Brasil.

Encerradas as guerras napoleônicas, com a economia em crise e o país mantido em estado de mobilização, Portugal exigiu o retorno do Rei e a adoção de uma Constituição. A Revolução Liberal foi proclamada em 24 de agosto de 1820, pouco mais de um mês depois da assinatura da Carta Régia que separou Sergipe da Bahia. A repercussão da Revolução no Brasil, como se sabe, levaria não só ao retorno da Corte portuguesa, mas à permanência do Príncipe D. Pedro de Alcântara e à futura Independência do Brasil. Porém, no primeiro momento, a adesão baiana à Revolução Liberal – dada ao considerável contingente de militares e de civis portugueses na Província – colocou a oportunidade para ser invalidada uma emancipação que contrariava interesses da Bahia, pela contestação de medidas

tomadas por D. João VI. Nomeado governador de Sergipe em 25 de julho de 1820, o Brigadeiro Carlos César Burlamaqui tomou posse em São Cristóvão, em 20 de fevereiro de 1821, em clima conturbado pela chegada de cartas da Bahia que determinavam que a posse não se realizasse. Nas palavras do próprio governador, “achavam-se em Sergipe tudo o que há de bom, e recomendável na Capitania” (FREIRE, 1891:226) e manifestando fidelidade ao Rei de Portugal que o nomeara, as autoridades sergipanas insistiram em realizar a cerimônia. Entretanto, a mesma paisagem da cidade de São Cristóvão, onde se reuniram as autoridades para a posse, serviu de moldura para a derrubada do governador, em 18 de março. Neste dia, uma força armada a mando da Bahia, reforçada pelo apoio da Legião de Santa Luzia,

Labatut



comandada pelo senhor de engenho Guilherme José Nabuco de Araújo, obrigou a Câmara de São Cristóvão ao juramento da Constituição das Cortes de Portugal e conduziu o governador, preso, para Salvador.

Permanecendo em condições humilhantes nos fortes do Mar e Barbalho, Carlos Burlamaqui conta a sua triste experiência na “Memória histórica e documentada dos sucessos acontecidos em Sergipe d’El Rei”, datada de 17 de julho de 1821. Frustrou-se temporariamente a Emancipação de Sergipe. Em vão, a Câmara de São Cristóvão tentou esboçar uma reação. Portugueses residentes na Capitania e senhores de engenho, a exemplo de José de Barros Pimentel, Pedro Vieira de Melo, Domingos Dias Coelho e Melo e do já citado Guilherme José Nabuco de Araújo, assumiram a posição recolonizadora. Este último explicou os motivos dessa posição “Ninguém quer a independência, senão os que estão no governo ou nele queiram entrar, os Taberneiros e donos das Casas da Cidade, pois que sejam quais forem as vantagens que se sigam da independência, elas não pagam nem a metade das liberdades que se perdem”(citado por NUNES, 1978: 40).

Mas, se aquela afirmativa pode fazer acreditar numa polarização de interesses entre proprietários rurais e comerciantes, Silvério Fontes (2004) lembra que líderes do agreste e do sertão, criadores de gado como Joaquim Martins

Fontes e José Mateus Leite Sampaio, tomaram posição decidida pela Emancipação de Sergipe e, a partir de 1822, pela Independência do Brasil. Os dois processos se confundem e confluem. A passagem do General Pedro Labatut, enviado pelo Imperador Pedro I para submeter o governo português na Bahia, torna Sergipe mais uma vez um território estratégico. Tropas da vila de Cachoeira, leais à causa da Independência do Brasil, invadiram o Sul de Sergipe, conseguindo adesões, enquanto Labatut, vindo do Norte, negociou adesões com os proprietários rurais recalcitrantes. Chegando a Laranjeiras à frente de 500 homens, conclamou a população a apoiar a Independência. Foi a São Cristóvão e seguiu para Estância, com o mesmo objetivo. Quando, finalmente, se dirigiu à Bahia, já contava com sergipanos em sua tropa.

A adesão à Independência do Brasil significou a aceitação da Emancipação de Sergipe, uma vez que o Imperador Pedro I confirmou a Carta Régia de D. João VI. Sergipe ficava politicamente separado da Bahia e tornava-se uma Província do Império. Os dissabores do processo foram tais que a memória popular nem registrou o dia 8 de julho



D. João VI

“

Em 1887, a Assembleia Legislativa instituiu uma Comissão, sob a liderança do historiador e geógrafo Laudelino Freire, para se pronunciar sobre a questão. A Comissão terminou apresentando Projeto de Lei que instituiu dois feriados: 8 de julho, data da elevação de Sergipe a Capitania Independente; 24 de outubro, data da recuperação da Independência de Sergipe, consagrada pelo povo, na força do hábito.

”

como data a festejar. Tem-se notícia da primeira comemoração da emancipação em 24 de outubro de 1836. Nesta data, a festa cívico-religiosa foi marcada pelo canto do Hino Sergipano, com letra de Manoel Joaquim de Oliveira Campos e música de Frei José de Santa Cecília. A letra do Hino louva a emancipação e se refere ao 8 de julho como “dia brilhante” a festejar. Entretanto a festa popular pelo “dia brilhante” consagrou a data de 24 de outubro, decretada, a partir de 1839, como feriado da Emancipação.

Em 1887, a Assembleia Legislativa instituiu uma Comissão, sob a liderança do historiador e geógrafo Laudelino Freire, para se pronunciar sobre a questão. A Comissão terminou apresentando Projeto de Lei que instituiu dois feriados: 8 de julho, data da elevação de Sergipe a Capitania Independente; 24 de outubro, data da recuperação da Independência

de Sergipe, consagrada pelo povo, na força do hábito. A Constituição do Estado de Sergipe, após a proclamação da República manteve os dois feriados e a questão só voltou a ser discutida na década de 1990, quando a Assembleia Legislativa cancelou o feriado de 24 de outubro, pois a festa popular havia deixado de acontecer.

O que explica, porém, a adoção dessa data? As fontes não induzem a conclusões definitivas. Thetis Nunes, que estudou o tema, mostra que a imprensa local veiculou ainda no século XIX a informação de que o dia 24 de outubro seria a data do conhecimento da notícia pelos cristovenses. Esta hipótese é encampada pela historiadora, acreditando que, de fato, a Bahia não teria tido pressa em divulgar o teor da Carta Régia e as providências podem ter sido postergadas. Segundo ela, o primeiro



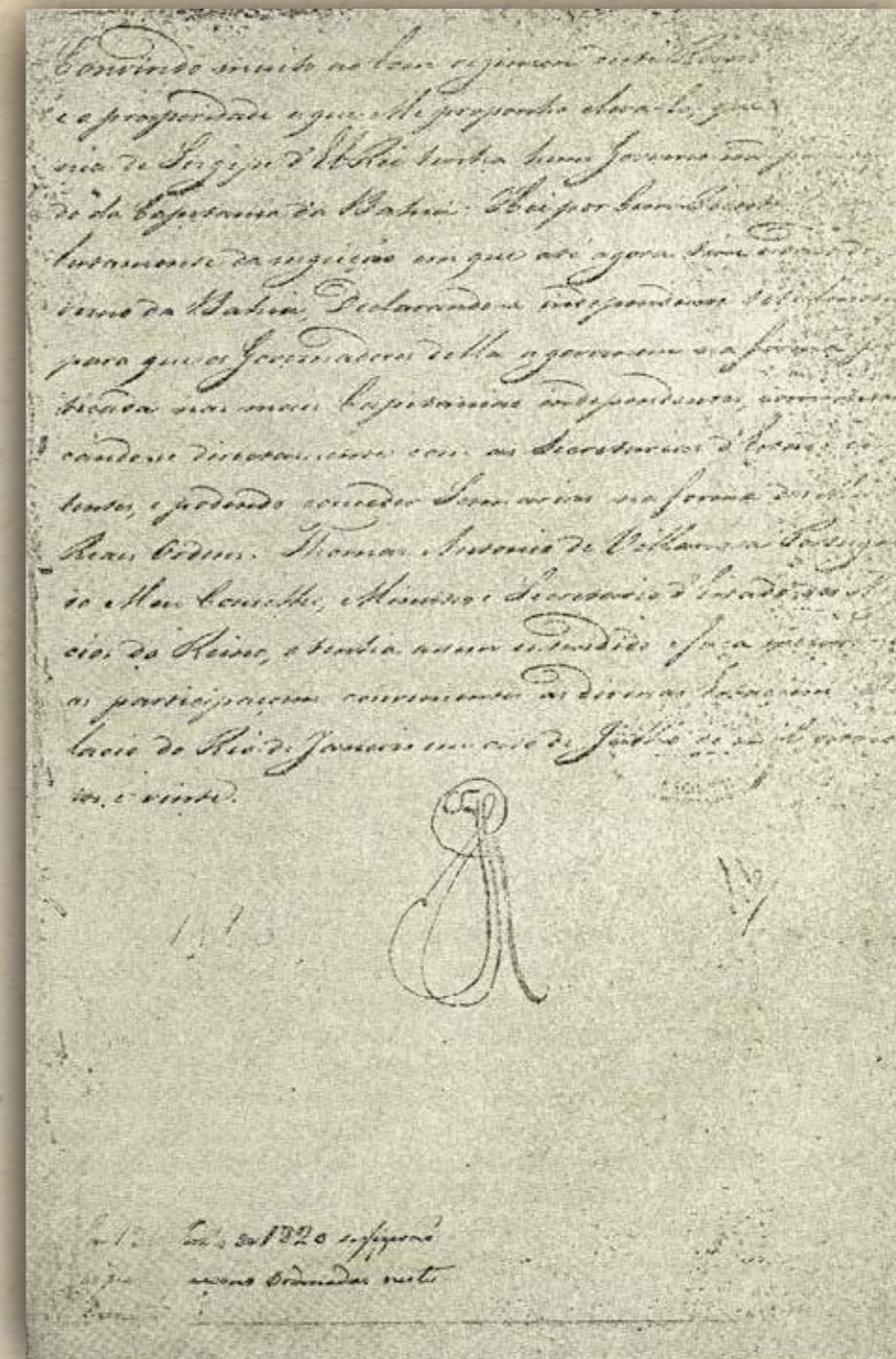
Praça São Francisco, São Cristóvão - SE

gesto concreto pela autonomia de Sergipe teria sido a assinatura do governador Burlamaqui no Termo relativo às rendas da Capitania, o que ocorreu somente em janeiro de 1821.

O fato é que o tema da Emancipação de Sergipe é ainda um desafio para os estudiosos. Imbricado na política internacional e na construção da Independência do Brasil, atravessado por interesses locais controversos, o assunto esconde muitas questões, quer quanto aos fatos, quer quanto aos significados. Recentemente, José Vieira

da Cruz mostrou como mudam as perspectivas de interpretação, desde que se valorize o pleito autonomista da Capitania de Sergipe ou que se atribua a Emancipação ao reconhecimento real à contribuição dada para esmagar a Revolução Pernambucana. Na primeira hipótese, o processo remonta à longa duração e é entendido no amplo contexto do ciclo revolucionário que expressa a crise do Antigo Sistema Colonial e as tentativas de preservá-lo; na segunda hipótese a Emancipação assume um caráter pontual e conservador, podendo ser enten-

dido o pouco entusiasmo que sobre ela demonstra Felisbello Freire. Não deixa de ser intrigante, neste caso, que D. João VI tenha reconhecido a contribuição alagoana ainda em 1817 (Decreto de 16/09/1817) e só reconheça a contribuição sergipana em 1820. É verdade que a independência de Alagoas punia a Província de Pernambuco. Porém se é esse o caráter, que argumentos teria o Rei para “punir” a Bahia, ou para atizar o descontentamento dos poderosos senhores de engenho que em Sergipe eram contrários à própria emancipação?



(Carta-Régia que eleva Sergipe à categoria de Capitania independente. Reproduzida de NUNES, Maria Thetis - História de Sergipe a partir de 1820)

“ Conde de Palma do Meu Conselho, Governador e Capitão General da Capitania da Bahia, Amigo:

Eu El-Rei vos envio muito saudar aquelle que amo. Convido muito ao bom regimen deste Reino do Brazil, e a prosperidade a que Me proponho Elev-lo, que a Capitania de Sergipe d’El-Rei tenha hum Governo, Declarando-a independente totalmente para que os Governadores della a governem na fôrma praticada nas mais Capitancias independentes, comunicando-se directamente com as secretarias de Estado competentes e podendo conceder sesmarias na fôrma das Minhas Reaes Ordens. O que Me pareceu participar-vos para que assim o tenhais entendido. Escrevo no Palacio do Rio de Janeiro em oito de Julho de mil e oitocentos e vinte. Rey.

”

Transcrito de FREIRE, Felisbello.

Sergipanidade, um conceito em construção

Somente nas últimas duas décadas a SERGIPANIDADE começou a ser tratada como um conceito cultural, capaz de inspirar artistas, escritores e pensadores.

Luiz Antonio Barreto
★ 1944 † 2012

Foi desde Prado Sampaio, aluno no Recife e discípulo de Tobias Barreto, que entrou no vocabulário sergipano o termo SERGIPANIDADE, ainda que vagamente citado, como um louvor ao fazer cultural sergipano. Décadas depois, José Silvério Leite Fontes, professor de história, biógrafo de Jackson de Figueiredo, citou SERGIPANIDADE no contexto da formação de Sergipe. Somente nas últimas duas décadas a SERGIPANIDADE começou a ser tratada como um conceito cultural, capaz de inspirar artistas, escritores e pensadores, qualificando um sério e inarredável compromisso das manifestações da cultura. É certo que as culturas regionais transitam no acostamento da vida social, sufocada, quase sempre, pelo domínio hegemônico que a tudo afeta. O povo, contudo, resiste e, ao seu modo, guarda as manifestações mais autênticas.

No mês de junho há como quê uma pausa: é o mês de Tobias Barreto, o maior de todos os sergipanos, em todos os tempos, e é o mês dos festejos juninos, quando um doutor da Igreja – Santo Antônio –, um profeta – João Batista – e um apóstolo – São Pedro – são reunidos, no cenário que guarda antiguidade, e do qual é mostruário o corte do mastro, o pau de sebo, a dança da quadrilha, a culinária de milho e coco, a montagem de um arraíá que em tudo lembra a simplicidade ingênua do povo de todas as idades, nas suas conexões atemporais.

SERGIPANIDADE é o conjunto de traços típicos, a manifestação que distingue a identidade dos sergipanos, tornando-os diferentes dos demais brasileiros, embora preservando as raízes da história comum. A SERGIPANIDADE inspira condutas e renova compromissos, na representação simbólica da relação dos sergipanos com a terra, e especialmente com a cultura, e tudo o que ela representa como mostruário da experiência e da sensibilidade.

Cada povo, situado no ambiente da sobrevivência – recorência universal da vida humana – cria sua perspectiva, muitas vezes utópica, de futuro, adota suas crenças, incorpora seus valores, constrói seus caminhos, elabora modos de viver e de compreender a realidade, produz a sua própria história.

Além da língua, as sociedades têm pontos de contato que prevalecem nas relações internas das

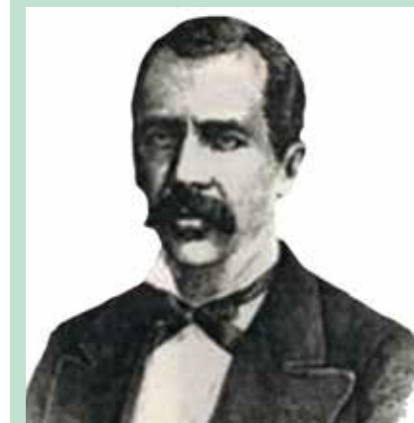
pessoas. A história, monitorada eticamente, e a cultura, universalizada pelas contribuições externas, agem na formação do povo e alimentam a identidade social.

A terra, com toda a noção de natureza que nela comporta, demarca a presença do povo, sua convivência ambiental, ecológica, produtiva, com seus recursos postos na partilha dos mesmos interesses.

Herdeiros de uma pequena faixa de terra litorânea, irrigada até o interior pelos rios da história do Brasil – São Francisco, Cotinguiba, Sergipe, Vaza-Barbés, Piauí e Real –, aptos ao trabalho, criativos e inovadores no domínio do conhecimento, os sergipanos compõem um povo que fez da luta o caminho de sua afirmação, e renova, a cada dia, a cada episódio de sua trajetória, a mesma lição em defesa da liberdade contra todos os tipos de opressão, do direito como instrumento contra os privilégios, da prosperidade para evitar a indignidade da vida, da justiça para conter as hegemonias.

Forma-se, então, a consciência pedagógica para o viver comum, fortalecendo as fronteiras da identidade própria. É com esta noção de SERGIPANIDADE, como atitude tanto individual quanto coletiva, que devem florescer as manifestações artísticas, as contribuições lúdicas, fazeres e saberes, usos e práticas circulantes a serem incorporadas pela aceitação, para serem consagradas e renovadas.

Fonte: Infonet



Tobias Barreto de Menezes (7 de junho de 1839 – 26 de junho de 1889) continua assombrando parte do mundo civilizado, com seu talento e sua obra. Mário Lozano escreveu muito sobre ele na Itália e tem seu principal livro – Um jurista tropicale – sem edição brasileira. Eugênio Raul Zafaroni, da Argetina, tanto escreveu sobre Tobias, como patrocinou a edição de um livro do pensador sergipano, dentro da coleção Penalistas Perenes. O interesse por Tobias, na academia, é grande e professores como Celso Lafer, por exemplo, carecem das obras completas para sua reflexão. A última edição aconteceu em 1989/1990, graças ao então presidente José Sarney e ao governador Antonio Carlos Valadares. Vinte e dois anos depois, a inteligência sergipana e brasileira cobra nova edição das Obras Completas de Tobias Barreto, o que seria um capítulo avançado da SERGIPANIDADE.

(NE): A obra do pensador Tobias, organizada pelo historiador Luiz Antonio Barreto, está sendo republicada pelo Governo do Estado de Sergipe, através da Editora Diário Oficial.



Reisado de Laranjeiras

OS TEMPOS PLURAIS DAS FESTAS EM **SERGIPE**

Maria Augusta Mundim Vargas

Fotos: Arthur Leite

Será que os **sergipanos**
se dão conta de que
Sergipe é uma festa?

Aqui nós festejamos os santos, o sincretismo dos santos, a colheita e a chuva com os santos; o ciclo natalino se abre em festa de dentro para fora das igrejas; o ciclo junino começa com o barulho de “Acorda, vem ver, é primeiro de São João”, em sarandagens e sarandaias; na quaresma, queima-se Judas em festa e, em seguida, dança-se no sábado de Aleluia; o carnaval tem sua data e as micaretas acontecem durante todo o ano; as vaquejadas e as cavalgadas, múltiplas nos sertões, criam centralidades em festa nos pontos de partida e chegada e até a festa do Jegue não é mais singularidade de Itabi, pois já ocorrem corridas de jegue “cover” em outros locais; as cavalhadas mínguem, todavia, permanecem respeitadas e com bom público; a emancipação dos municípios e os padroeiros encerram dias de festa; os festivais culturais (de música, folclore, dança, teatro, literatura, etc.) e as feiras agropecuárias que se fazem em festa completam a movimentação do festar: em festa, festança, festa de fé, festa religiosa, festa sacroprofana, festa profana, festa da igreja, festa da prefeitura, festa popular...

E como não há festa sem festeiros, os sujeitos sociais são igualmente numerosos. Se generalizar, nomeio-os de organizadores; se especificar, corro o risco de me perder na enumeração de folguedos e manifestações, assim como nas inúmeras “figuras” singulares de comando e participação desse leque plural da cultura sergipana que se expressa em festas.

Em 2009, participei de uma pesquisa para a então Secretaria de Planejamento e chegamos a uma estimativa de 3.300 festas

em Sergipe, sendo aproximadamente 3.000 referentes a eventos tradicionais e 300 a eventos contemporâneos, tais como as micaretas e os forrós. Uma matemática simples nos remete para a ocorrência de 9 festas por dia em Sergipe e, considerando ter sido uma estimativa, não é exagero arredondar para 10, mais de 12, talvez 15 festas ou mais por dia.

Assinalamos, neste texto, um recorte reflexivo sobre os tempos plurais das festas tradicionais sergipanas dos ciclos natalino e ju-

nino pela possibilidade de poder destacar a diversidade de manifestações, mas, sobretudo, a distinção do tempo e do sentido de fazer e refazer, produzir e reproduzir as festas.

É nossa intenção mostrar como o passado sobrevive no presente, observando a presença e a persistência de antigas festas, mas também das novas e múltiplas formas de festejar. Há os que “brincam”, diferentemente daqueles que “apresentam” suas danças e folguedos; há os que não brincam mais, as-

“ O passado sobrevive no presente observando a presença e a persistência de antigas festas, mas também das novas e múltiplas formas de festejar. ”

Lambe-Sujos de Laranjeiras



Lambe-Sujos de Laranjeiras



Lambe-Sujos de Laranjeiras

sim como existem folguedos guardados na memória do passado que não mais se manifestam e, ainda, aqueles que “vendem um produto” ou se transformaram em “um produto” de sua cultura.

À luz da economia da cultura, essas múltiplas temporalidades nos permitem afirmar a coexistência de uma produção de consumo com uma produção de excedente e com uma *produção de mercado*, tal qual Carlos Rodrigues Brandão interpretou a racionalidade (tecnológica da modernidade e do mercado) e a contrarracionalidade (“formas culturais populares de raciona-

lidades e de sensibilidades que poderiam parecer antirracionais e ultrapassadas”), ao discorrer sobre “tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil”.

Traçando um paralelo entre as mudanças no mundo rural com as mudanças nas manifestações culturais populares, a *produção de consumo* consiste naquela em que o grupo brinca e reproduz sua história; se reproduz revivendo os sentidos e os sentimentos de geração em geração. Ainda é possível encontrar inúmeros grupos que mantêm a apresentação de suas “performances” associadas aos ciclos

como Taieiras, Cheganças, e Ca-cumbis, no ciclo natalino e, Batalhões, Bacamartes e Dança de São João, no ciclo junino. São, em sua grande maioria, grupos familiares cuja manifestação remonta a um ancestral e que, de geração a geração, são preservadas a memória o respeito e o prazer de se renovar a tradição.

A *produção de excedente* encerra os grupos que mantêm os sentidos e os sentimentos dos valores atribuídos às suas práticas de brincantes, mas que em tempos de globalização deslocam-se “para fora” do tempo de brincar, isto é, fora do ciclo em que a manifestação é brincada e se apre-

sentam em eventos, gerando assim um excedente da brincadeira e uma economia (renda) para o grupo. Esse processo de apropriação não é recente, mas tornou-se mais generalizado após a década de 1980, com as facilidades proporcionadas pelos meios de comunicação e pode ser observado nas manifestações populares sejam elas religiosas ou não.

As alterações mais perceptíveis dizem respeito ao tempo da “brincadeira”, observada na subtração do “texto” dos autos e da coreografia, rompendo com o sentido de fazer no tempo do ciclo, no tempo do santo, enfim, rompendo com o tempo de

Caboclinhos de Laranjeiras



Caboclinhos de Laranjeiras



Caboclinhos de Laranjeiras

“ Traçando um paralelo entre as mudanças no mundo rural com as mudanças nas manifestações culturais populares, a *produção de consumo* consiste naquela em que o grupo brinca e reproduz sua história; se reproduz revivendo os sentidos e os sentimentos de geração em geração. ”

“brincar”. As apresentações “comerciais” não são prerrogativas dos folguedos e danças dos ciclos natalino e junino, pois elas ocorrem de forma generalizada a depender da disponibilidade dos grupos. Ora, as manifestações já citadas e também os Reisados, Guerreiros, Maracatus, Pastoris, Pisa Pólvora, atados no entorno dos ciclos natalino e junino que levantamos e de tantos outros, não necessariamente associados a ciclos e a santos, como o Parafuso de Lagarto, os grupos de São Gonçalo, nota-

damente o da Mussuca (Laranjeiras), os sambas de Coco, de Roda e de Pareia, mais ocorrentes na faixa litorânea, apresentaram-se “todo o ano a depender do convite e da disponibilidade dos integrantes”.

A *produção de mercado* concerne àqueles grupos já apropriados pela lógica da racionalidade com estrutura voltada para o atendimento das demandas de mercado. Um exemplo basilar é o grupo Olodum, do estado da Bahia, que se transformou em grife, seja pela imaterialidade

do rufar de seus tambores, seja pelos inúmeros produtos comercializados com sua marca. Citando-se um exemplo de manifestação advinda da religião católica, tem-se a encenação da Paixão de Cristo na cidade pernambucana de Fazenda Nova, onde, em um grande cenário aberto, artistas de renome atraem multidões, já se conformando como uma tradição. O evento já está incorporado aos interesses de agências de turismo e o comércio e serviços locais atendem as demandas dos milhares de visitantes.



Reisado de Laranjeiras

“ A transferência dos arraiais de ruas e praças para espaços de eventos elevou as quadrilhas à condição de “manifestação espetáculo” e, com isso, rapidamente surgiram regulamentos inovadores dos concursos em que pese tanto mais a novidade do que a originalidade. ”

Em Sergipe, observa-se no ciclo junino, que os concursos de quadrilhas e os forrós, iniciados na década de 1990, já foram incorporados como produto da tradição nordestina e suas produções encerram grandes eventos com envolvimento de mídias e agências de turismo. A transferência dos arraiais de ruas e praças para espaços de eventos elevou as quadrilhas à condição de “manifestação espetáculo” e, com isso, rapi-

damente surgiram regulamentos inovadores dos concursos em que pese tanto mais a novidade do que a originalidade. A organização das quadrilhas, hoje, exige patrocínio tanto quanto as escolas de samba do Rio de Janeiro, não apenas pelos elevados custos das vestimentas, mas, sobretudo, pelos custos dos deslocamentos do grupo para participar das eliminatórias e das apresentações nos espetáculos.

Cacumbi de Laranjeiras



Cacumbi de Laranjeiras

Os que não brincam mais quem se memoriosos, sem enquadramento na tipologia da produção. Em lamento, narram: “já teve, não tem mais!”. Embora ainda bastante numerosos, no ciclo natalino, são os Reisados e os grupos de Pífano que mínguem e, no ciclo junino, são os arraiais e arrastapés que, no conjunto, implicavam a expressão de forró, quadrilha, fogueira, comidas e trio pé de serra. Como já dito, o formato atual em praças de eventos ressignificou os festejos juninos. Com efeito, a tradição é viva, encontra-se em movimento e, assim como a cultura, dialoga com as temporalidades passadas e presentes.

Pois bem, se no plano individual os dias de festas são distintos dos dias normais em que, como bem colocou a professora Verôni-

ca Nunes, “se faz de uma só vez rezar, festejar, comer, competir, extrapolar”, no plano coletivo o festejar dos sergipanos encerra a construção permanente de um patrimônio que se faz pelo resguardo de tradições, mas também, pelo sentido de vivenciar e recriar as festas, seja ele simbólico ou econômico, social ou político.

A festa é patrimônio vivo que se faz e se refaz nem sempre harmoniosamente, sem perdas ou queixas, sem querelas e conflitos, mas sempre referenciada pela solidariedade, pela sociabilidade, pela explosão de alegria, de fé, de força, de esperança, de prazer, de gozo, de zelo pelo sentimento de pertencimento advindo do saber fazer, saber ter e ser da festa. E Sergipe segue, em festa, sentindo e significando sua sergipanidade.

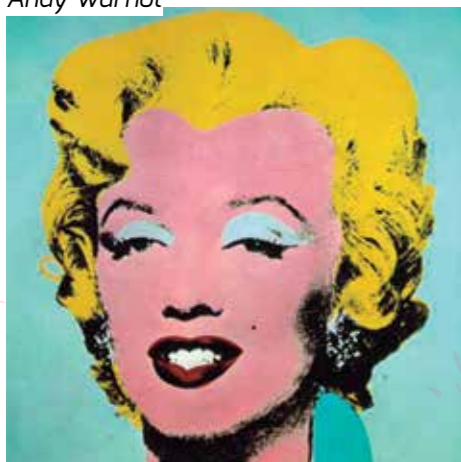
CULTURA CONTEMPORÂNEA EM QUESTÃO

Luiz Eduardo Oliveira

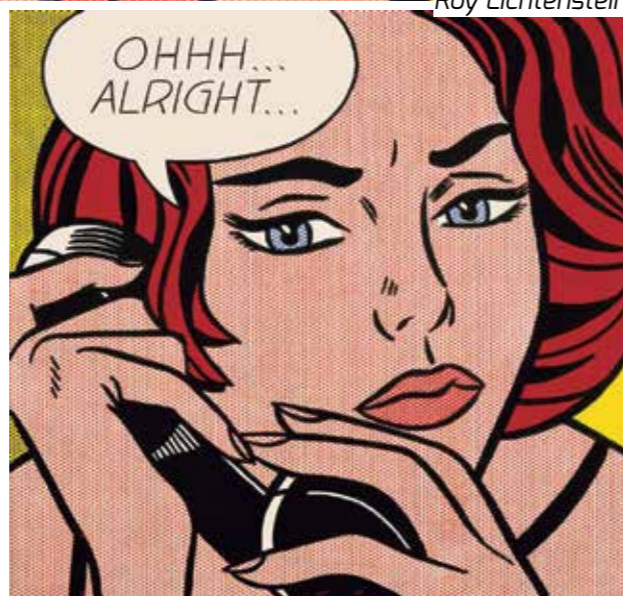
O surgimento dos Estados Unidos como potência mundial e centro de produção e circulação global de cultura provocou um profundo deslocamento da própria noção de cultura, representada tradicionalmente pela ideia da Europa como sujeito universal. Assim, o termo passou a abranger tanto a “alta cultura” quanto a cultura popular e/ou cultura de massa, mediadas pela imagem e pelas formas tecnológicas. Consequentemente, as instâncias discursivas privilegiadas no século XIX, como as narrativas históricas, políticas e literárias, foram deslocadas e perderam a centralidade no decorrer do século XX, fazendo com que as representações e os mitos fossem repercutidos em outras modalidades de práticas e manifestações artístico-culturais, como o rádio, o cinema, a televisão e depois a Internet, o que nos obriga a levar em conta outros tipos de manifestação além daquelas tradicionais.



Andy Warhol



Roy Lichtenstein



A cultura contemporânea, pelo menos desde a década de noventa do século passado, tem sido pensada preponderantemente em sua condição diaspórica, uma vez que abrange discursos e manifestações políticas, artísticas e culturais de grupos sociais que têm identificações e sentimentos de pertença híbridos e variados. A diáspora, como se sabe, tem o seu paradigma mítico, pelo menos no mundo ocidental, no Velho Testamento, que narra o sofrimento do “povo escolhido” sob o jugo da Babilônia e tem em Moisés o seu grande redentor. A estrutu-

ra encontra paralelo nos países do chamado “Terceiro Mundo”, nos quais o subdesenvolvimento, a pobreza, a fome e a miséria provocaram a migração, o espalhamento e a dispersão de grandes parcelas da população. Nesse processo de adaptação à convivência com as diferenças, o racismo formal e institucionalizado se tornou comum na Europa e no resto do mundo, onde um número cada vez maior de comunidades “étnicas” se estabeleceram, provocando, não raro, sérias manifestações de intolerância, numa nova onda fundamentalista que é já uma característica marcante

do século XXI. Como se sabe, a palavra “raça”, que ainda tem uso corrente tanto em Portugal quanto no Brasil ou nos países africanos de língua portuguesa, quando relacionada a seres humanos, não é uma categoria científica, mas política e social, funcionando discursivamente como um indicador de superioridade ou inferioridade, numa relação assimétrica de poder econômico e cultural. Assim, os estigmatizados por razões étnicas, além de serem diferentes do ponto de vista cultural, são biologicamente caracterizados com estereótipos físicos e/ou sexuais.

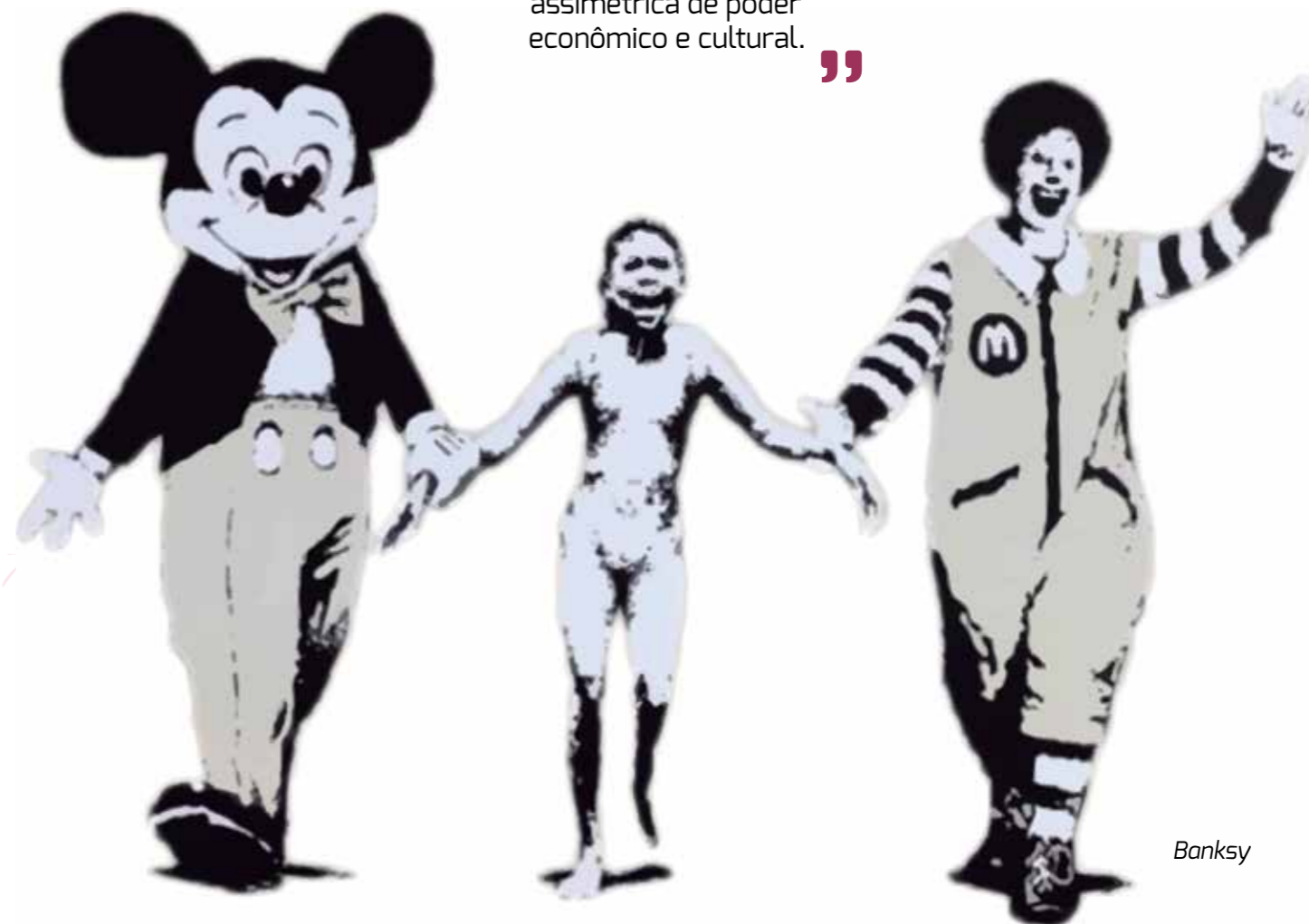
Em tal contexto, torna-se anacrônico qualquer discurso que insista na homogeneidade da cultura nacional ou regional. No caso do Reino Unido, a perda da hegemonia imperial e econômica, bem como do “ser inglês” sobre o “ser britânico” – nas últimas Olimpíadas, realizadas em 2012, a Irlanda, a Escócia e o País de Gales apresentaram-se conjuntamente como Grã-Bretanha – acabou por provocar uma profunda crise de identidade nacional, pois não se trata mais da questão do ser negro, judeu, muçulmano etc. ou britânico, mas de ser duplamente qualquer uma daquelas categorias e britânico.

O mesmo pode ser dito a respeito de qualquer outro país. O caso do Brasil, que buscou se afirmar interna e externamente pela miscigenação, guarda complexidades que podem ser vislumbradas quando se contrapõem as várias ideias de Brasil, como tentou fazer o cineasta Sérgio Bianchi em *Cronicamente Inviável*

“ A palavra “raça” [...] quando relacionada a seres humanos, não é uma categoria científica, mas política e social, funcionando discursivamente como um indicador de superioridade ou inferioridade, numa relação assimétrica de poder econômico e cultural. ”

(2000). Não há mais lugar para uma institucionalização tardia de qualquer tipo de assimilacionismo eurocêntrico, como o que houve e ainda há em várias instituições educativas. É preciso aceitar as diferenças, mesmo porque as ideias e os ideais de identidade e grandeza nacional estão indissolavelmente vinculados às políticas imperialistas dos séculos XIX e XX.

Paralelamente a esse processo de diferenciação e pulverização cultural, causado não só pelos fluxos migratórios, ou pela nova diáspora, ocorrem formas dominantes de homogeneização cultural, que



Banksy



“ Embora o ‘público cultivado’ ainda constitua uma boa fatia de consumidores da considerada ‘boa literatura’, do ‘cinema de arte’ ou da ‘música experimental’, a academia e outras instituições se voltam cada vez mais para um tipo mais ‘popular’ de cultura, para o bem e para o mal. ”

“ Diante da enorme quantidade e multiplicidade dos produtos culturais à disposição no mercado, as formas bem sucedidas são muito mais escolhidas pelo povo do que a ele impostas, pois, para além do seu caráter manipulador, há nelas elementos de identificação que provocam uma resposta ativa de seus consumidores. ”

se constituem como o lado negativo da globalização, também alcunhada, nesse sentido específico, de “macdonaldização”. Seja qual for o efeito causado por tal fenômeno, o certo é que, desde o final do século passado, houve uma crescente democratização do acesso a bens de consumo eletrônicos, que passaram a acompanhar, numa impressionante velocidade, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, sobretudo através da Internet. Essa dupla transformação teve profundas repercussões. Os novos modos de produção, circulação e recepção dos

produtos culturais, por exemplo, obrigam-nos a dar uma nova dimensão às tradicionais noções de cultura popular e cultura de massa, bem como a fugir de tal oposição, como se a primeira representasse a genuína produção do “povo” e a segunda resultasse da imposição de certas produções culturais sobre o povo. Embora o “público cultivado” ainda constitua uma boa fatia de consumidores da considerada “boa literatura”, do “cinema de arte” ou da “música experimental”, a academia e outras instituições se voltam cada vez mais para um tipo mais “popular” de cultura, para o bem e para o mal.

Hall tenta subverter a concepção superficial de um certo marxismo sobre a indústria cultural e a cultura de massa, argumentando que, se tais formas e produtos são puramente manipuláveis e aviltantes, a ideia de “povo” como uma força nula, passiva, é profundamente antissocialista. Assim, embora as indústrias culturais tenham o poder de impor e transformar a realidade da vida das pessoas, ajustando-as ao padrão da cultura dominante, elas não têm o poder de tomar nossas mentes como se elas fossem uma tela em branco, mas apenas abrem um espaço de reconheci-

mento nas pessoas que a elas respondem. Nesse sentido, diante da enorme quantidade e multiplicidade dos produtos culturais à disposição no mercado, as formas bem sucedidas são muito mais escolhidas pelo povo do que a ele impostas, pois, para além do seu caráter manipulador, há nelas elementos de identificação que provocam uma resposta ativa de seus consumidores.

Não se trata, pois, de conceber a cultura a partir do seu grau de autenticidade ou corrupção, mas de entendê-la como um processo dialético e dialógico, numa luta constante entre os grupos

que buscam deter a hegemonia dos meios de produção cultural. Nesse contexto, o domínio linguístico universal do “inglês”, ou da língua inglesa não pode ser entendido como a hegemonia de uma “língua-nação”, mas como uma espécie de “língua geral” ou *patois* (língua não padronizada) que se torna uma moeda comum nas relações e trocas culturais.

Desse modo, nessa nova lógica de produção, circulação e recepção cultural, a cultura só pode ser pensada a partir de uma perspectiva diaspórica, sobretudo se tomarmos como parâmetro as formas culturais e as manifesta-

ções artísticas contemporâneas, marcadas por uma espécie de dinâmica sincrética que se apropria dos códigos das culturas dominantes e os criouliza, isto é, torna-os híbridos e necessariamente miscigenados. A ideia de cultura pura é nociva e prejudicial, pois é parente próxima da ideia de raça pura, que durante um bom tempo se sustentou na ideia de uma língua pura, que serviu de lastro para a ideia de nação e gerou o discurso do nacionalismo étnico, que causou tantas guerras e genocídios e ainda motiva grupos neonazistas ou neofundamentalistas nas grandes cidades do mundo.

A close-up, profile view of a man with a beard and a blue fedora-style hat, wearing a green t-shirt and a red strap. He is singing passionately into a vintage-style microphone. The background is a dimly lit stage with green and blue lighting, and a red electric guitar is visible in the lower-left foreground.

PÉ NA ESTRADA COM **THE BAGGIOS**

Robert Johnson vendeu a alma numa encruzilhada pra fazer um blues dos infernos. Os Beatles viajaram pra Hamburgo e tocaram em bares de porto na Alemanha, antes de serem os roqueiros mais bem-sucedidos de todos os tempos. Rolling Stones sempre demonstraram sua simpatia pelo capeta e até hoje rodam o mundo – por amor e pela grana.

*Adolfo Sá
Fotos: Snapics*

Robert Johnson vendeu a alma numa encruzilhada pra fazer um blues dos infernos. Os Beatles viajaram pra Hamburgo e tocaram em bares de porto na Alemanha, antes de serem os roqueiros mais bem-sucedidos de todos os

tempos. Rolling Stones sempre demonstraram sua simpatia pelo capeta e até hoje rodam o mundo – por amor e pela grana.

Se o diabo é o pai do rock, pedras que rodam não criam limo. The Baggios sabem disso e cons-

truíram sua reputação na estrada. Julio Andrade, o Julico, saiu de São Cristóvão com uma guitarra semiacústica, um Overdrive aze-do e um Fuzz pra hora do peso, e ao lado do batera Gabriel Carvalho, o Perninha, já rodou o Bra-



O nosso formato de banda é curioso, as pessoas ficam querendo saber como funciona apenas duas pessoas ao vivo, e quando vão ao show ficam surpresas com o resultado, acho que isso instiga os jornalistas a escrever sobre a gente. Nesses últimos dois anos recebemos destaque em jornais como O Globo, Folha de São Paulo, até no blog do jornal inglês The Guardian”, diz Julico. “Isso é lindo!”

sil, venceu festivais e lançou um disco que entrou em todas as listas de melhores do ano de 2011.

Duo rock com forte pegada de blues e letras que versam sobre bar, mulher & azar, o grupo não foi batizado em homenagem ao jogador Roberto Baggio da Itália – que isolou o pênalti que deu ao Brasil o tetra na Copa do Mundo de 94 – como muita gente pensa... A inspiração vem de outro “loser”, José Sinval dos Santos, o Baggio de São Cristóvão, um punk interiorano que faleceu recentemente. “A banda é uma continuação de um sonho não alcançado por um

cara simples, com ideias próprias e livres de quaisquer padrões.”

Em maio, tocaram na Virada Cultural de São Paulo, feito inédito para uma banda sergipana. “O Julio toca guitarra lembrando Hendrix e canta lembrando Raul Seixas, são dois ídolos em um”, resume Gabriel Thomaz dos Autoramas, que conheceu os Baggios quando eles tocaram na Bie-nal da UNE no Rio de Janeiro.

O brasileiro Thomaz é mais um roqueiro que migrou pro sudeste pra conseguir viver de música – lista longa encabeçada pelo próprio Raul e indo até Pitty, Ed-

die, Cachorro Grande e Cidadão Instigado. Mas ele acredita que essa imposição de mercado já foi superada, depois do advento da internet. “Hoje em dia, é muito mais fácil, dá pra fazer tudo sem ter que deixar família, amigos, namorada, casa pra trás”.

É o que Julico pretende fazer: continuar com um pé na estrada e outro fincado nas raízes. “Gosto de morar em São Cristóvão, apesar de sofrer com o deslocamento constante pra Aracaju. Mas não cogito a hipótese de ter que morar fora pra ser contratado por uma grande gravadora”.



“Não curto me repetir”

Prestes a lançar o segundo álbum, os Baggios deram um tempo nas gravações para conceder esta entrevista exclusiva à revista **Cumbuca**:

Cumbuca - Como foi tocar na Virada Cultural de SP?

The Baggios - Pra gente foi uma honra, é um dos maiores eventos culturais da América Latina, dividimos palco com um monte de bandas que gostamos, revemos um monte de amigos, fizemos ainda mais contatos, não poderia ter sido melhor. O legal é que a cada ida a São Paulo mais nos sentimos abraçados, notamos o respeito que as pessoas têm com a gente.

Cumbuca - Quem fez o convite?

The Baggios - O convite partiu de um dos curadores do evento, o Alex Antunes, lendário jornalista e pesquisador musical que já escreveu na revista Bizz e Rolling Stone, o que aumentou ainda mais a resposta.

Cumbuca - Vocês estão gravando o novo disco num esquema diferente, já que a estreia foi por um selo (Vigilante) e este será totalmente independente...

The Baggios - A priori, vamos lançar independente, mas já fomos sondados por alguns selos. Vamos estudar com cuidado as propostas, pois nossa experiência com o selo anterior não foi como esperávamos.

Cumbuca - E o som, como vem?

The Baggios - O que me alimenta na música são as possibilidades que ela nos oferece na hora de compor, não curto me repetir. Existe uma fórmula pra compor as músicas, vai soar The Baggios, mas sempre terá elementos novos, e nesse disco experimentamos novos ritmos também, vai dar pra notar um mambo, um xote, afrobeat, funky pesadão, tudo do nosso jeito: simples, direto, sem firulas. Acho que o disco tá equilibrado, ele vem com a música mais pesada já feita pela banda, assim como a mais balada também, saca?! Vai soar diferente do primeiro disco, experimentei muito Fuzz, guitarras diferentes, e como foi todo gravado em Aracaju, pudemos convidar um monte de amigos que admiramos. Estamos muito orgulhosos do resultado.

Cumbuca - Quantas cópias foram feitas do primeiro disco? Você sabe quanto vendeu?

The Baggios - Fizemos 2.000 cópias, 70% dos discos estão na rua, mas o legal mesmo é que liberamos pra download gratuito e só do nosso site foram mais de 10.000 downloads, sem contar com os outros sites que geraram seus próprios links... Acredito que se somar dá um bom número. Acho que não conseguiríamos fazer com que nossa música chegasse a tanta gente se não tivéssemos disponibilizado gratuitamente na internet.

Cumbuca - E agora? Pra cima e avante?

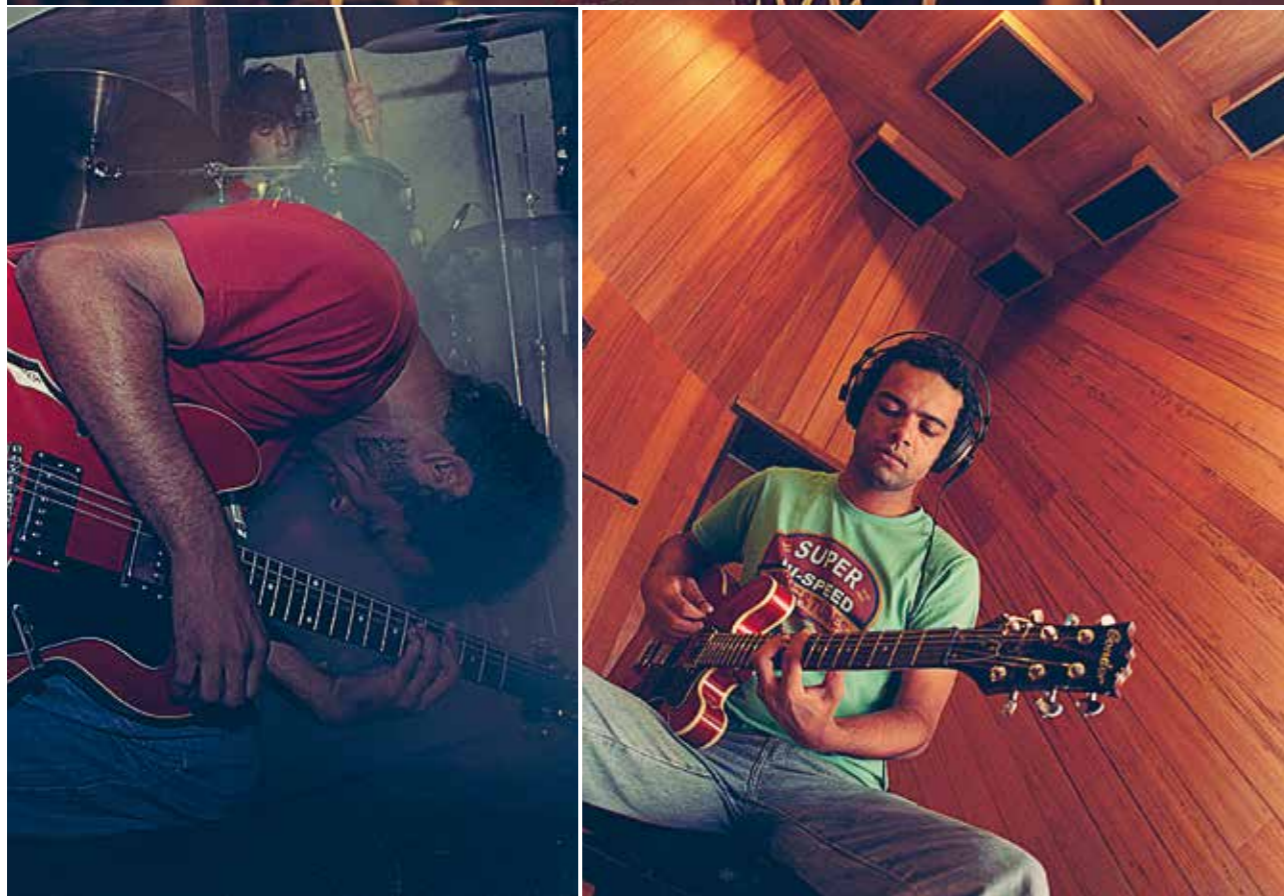
The Baggios - Acho que estamos conseguindo espalhar nossa música pelo Brasil aos poucos, hoje em dia temos público por quase toda região do país, e isso é empolgante! Tem gente de Minas, Natal, Rio de Janeiro, Brasília cobrando nosso show. Já estamos com alguns convites pra festivais no segundo semestre, tudo indica que vamos fazer outra Biggest Tour pra divulgar o novo disco.

Cumbuca - Tem planos de tocar lá fora, tipo começar pela Argentina, depois Europa, tipo o Autoramas?

The Baggios - Temos planos, sim, de tocar fora do país. Já fomos sondados, mas exige muito de grana, planejamento, e estamos nos programando pra isso. Eu admiro muito o Autoramas, é uma banda que não para, sempre no gás, circulando, produzindo. Já fizeram 10 turnês pela Europa, é invejável o desempenho dos caras! Quando tocamos no Rio, pudemos passar uma tarde conversando com o Gabriel, e ele nos contou como funcionam as coisas na Europa e até nos surpreendeu quando disse que já fez planos de nos levar pra lá como 'tour manager', vamos voltar a conversar sobre isso em breve... (risos). Quem sabe 2014 não rola uma turnê pela Europa?!

(<http://www.thebaggios.com.br/>)





MÚSICA PRA VER

Bob Gruen e o registro dos anos 70, Annie Leibovitz e as capas da Rolling Stone, Charles Peterson e a cena grunge. A fotografia sempre foi importante na mitificação do rock e na transformação de músicos em ícones. Mas poucas vezes na história se viu uma relação tão estreita entre banda e fotógrafo quanto a parceria entre The Baggios e a SNAPIC, dupla formada pelos sergipanos Arthur Soares e Victor Balde.

“Quando a Snapic foi criada, em outubro de 2008, resolvemos fazer uma aposta mútua. A banda passava por uma nova fase com

a entrada de Perninha e precisava de um gás nas imagens, e a Snapic precisava de uma banda pra estar sempre fotografando. Foi um laboratório em que ambos cresceram juntos e atualmente arrisco dizer que The Baggios são os músicos mais fotografados de Sergipe. Por nós mesmos, já foram mais de 30 shows, de Aracaju a Salvador, Maceió, Campina Grande, Fortaleza, São Paulo, São Carlos, Sorocaba”.

São deles as fotos de contracapa e encarte do álbum de estreia dos Baggios, da mesma forma que Julico e Perninha estampam

a capa do livro “Snapic – Música Pra Ver”, entre bandas como Naurêa, Reação, Alapada, Karne Krua e mais uma dúzia. “Essa foto veio de uma sessão que a gente fez pra capa do disco, a partir do momento que ela não entrou tivemos certeza de que seria a capa do nosso livro. Por ser uma imagem com vários elementos que curtimos: pulo, pôr do sol e silhueta, juntamente com a banda que mais fotografamos até hoje.”

O livro foi lançado em 2012, através de financiamento coletivo e pode ser encomendado no site: www.snapic.com.br.

Poesia



Maria Cristina Gama

Pensamentos

Não tenho mais palavras.
Penso, penso, penso...
Escrevo o que penso, não digo o que penso.
Não procuro palavras, só sono, estou cansada...

Estou enervada, trespassada com a intuição de tudo...
O Amor, a Poesia, tudo isso é invenção da vida...
Eu sonho, e quando sonho tudo basta. Tudo basta! Ouviram?
Eu também sou mudo, não preciso de vossa escuta...

Nem da vossa fala de criaturas estabanadas...
O nada me ouve no silêncio, mas vós, esplêndidos...
E eu ordinária... Sou espada e vós escudos.
Eu sou um deus desnudo na alvorada.

Vocês são formidáveis, e assim, me torno mais antiga...
As minhas dádivas são plúmbeas, falácias e facécias, retubam...

Poeta, artista plástica, compositora e advogada, nasceu em Aracaju-SE, em 06/06/1964 e faleceu em 05/10/2010.

Autora de *A Próxima Índia*, *O Peixe Praxis*, *O Anjo Sujo* e *Trilogia do Poderoso Imperfeito*, entre outros.

Não sei de amanhã.
Não tenho estruturas, conjecturas, espessuras, fio e cordão, para saber de dimensões de amanhã.
Há um leve parecer longínquo cravado em uma intuição remota apontando para uma sobrevivência.
Mas sobreviver é também agora, este já já, este muito próximo mais tarde de uma verdade ou inverdade de que ninguém sabe.
Mas não sei de amanhã, para glória suprema dos terroristas de toda espécie: sobretudo os aprisionados em si mesmos.



Pavão (óleo sobre tela, de Maria Cristina Gama)

Eu queria chover, eu queria fazer sol,
manifestar meu fenômeno na tela do ar,
ter a potência de desaguar como a água
e brilhar com a força de luz dos raios.

Iluminar o breu do atalho como uma lua
e encontrar o fio da meada de ser eu.
Não me basta sorrir, sofrer, suspirar
para expressar alegria, dor, desespero.

Quero trovejar para exorcizar os medos
e enfim caibam na palma da mão trêmula.
Choques de relâmpagos no âmago da calma
e um céu inteiro como a esteira da alma.



Mil Léguas Submarinas (óleo sobre tela, de Maria Cristina Gama)

Palhaço

Palhaço pintado do nácar das ostras
e do borbulho efervescente do meu sangue.
Palhaço plangente, aramista
funâmbulo de sonâmbulo
de viver sonhando acordado
numa trilha do meu trem, amém!
Amei bailados e bailarinas
e o circo inteiro e o tabuleiro
e a vinícola
e a canícula.
E o tempo bom e o tempo sempre tão bem
e o tempo bem!
Amo assim seguindo
com as mãos e os pés de esgrimista
pelo todo que no coração não se contém.
E ao zero fui no globo da morte
com leões também.

Poema Quase Mágico

Sem esses dias outros não virão.
Sem os antigos dias de ontem e quase agora
este mesmo não seria o que é
e nem sei sequer se existiria

Representação

Aprender a substituir-me na ausência de mim mesma -
mesmo que não me preencha a essência, ocupe-se da imediata pre-
sença...

Mas este pensamento é mais perverso que o diabo na garganta,
porque transforma o complexo em simplismo maniqueísta;

se em minha face as máscaras se contorcem como caretas,
e todo o incômodo do espírito é irresistível,
como tomar de empréstimo uma outra que me simule,
mais cômoda às conveniências do embuste?

Ó contínuo estudo da vida! Ó cadeia sãs dos conchaveiros!
Sabem esses ilustres o que é um fim, ou um meio, no verdadeiro
sentido?

Ó culpas, devaneios perfeitos dos justos, anseios de poeta,
que grupos de dedos fariam as minhas contas?

Por que não ultrapasso o que faço e ofereço,
se não pagasse e valesse o meu próprio preço?



Matisse (óleo sobre tela, de Maria Cristina Gama)

Eu queria chover, eu queria fazer sol,
manifestar meu fenômeno na tela do ar,
ter a potência de desaguar como a água
e brilhar com a força de luz dos raios.

Iluminar o breu do atalho como uma lua
e encontrar o fio da meada de ser eu.
Não me basta sorrir, sofrer, suspirar
para expressar alegria, dor, desespero.

Quero trovejar para exorcizar os medos
e enfim caibam na palma da mão trêmula.
Choques de relâmpagos no âmago da calma
e um céu inteiro como a esteira da alma.



Peixe Praxis (óleo sobre tela, de Maria Cristina Gama)

Apanho a poesia com pá do momento
mas há uma lenta infusão na entrelinha
que amolece e cõa os molhos do rebento
além da convenção da medida do tempo.

Assim como dançarinos ensaiam passos
a palavra abre no espaço o movimento
ou esboço de traços antes do desenho
ou cascalho solto do bloco de cimento.

Em cada lauda soa um ensaio de martelos
que a ouvidos moucos são flocos de vento
e no apalpar de mãos que suam o corpo todo
tatos loucos que a olhos cegos são farelos.

Poema Justo do Dia Perfeito

Você queria de volta o dia de ontem?
Momentos dele e do de hoje formando um terceiro dia
que não seria amanhã?
Você teria 24 horas de somatória dos dias que já viveu
que formassem um dia perfeito? (...)
O meu dia perfeito é um dia de Amor.
Amor sem dor, só amor. Eu não perdoou Deus por isso.
A minha fantasia é infinita. A minha fantasia é bonita,
tenra e ardente.
Nela, todos se encontram.
Os pais educam os filhos de maneira certa.
Os pais têm olhos. Ninguém precisa sofrer para encontrar desculpas.
Ninguém precisa passar por rolos compressores
para encontrar palavras.
Ninguém precisa reunir todos os medos para poder agir.
Ninguém fica doente ou sente saudades.
Ninguém se cansa, ninguém faz o que não quer,
e nem sofre para achar o que quer e que não é bem o que queria.
Na minha fantasia a fantasia humana seria suficiente para ser real.
Não seriam necessários adiamentos e recorrências extras além do próprio desejo.

Das Portas

Entro pela porta que não sei onde vai dar.
É esta a porta que me cabe abrir.
A porta sem chave, inacessível.
É por esta porta que tenho que entrar à força
e torná-la porta que se abre
visível e sempre aberta a todos através de mim.
Porta poética de passos reais das palavras
que caminham com meus pés e pernas.
A porta longínqua da miragem da minha sede, quase
entreaberta dentro da minha avidez.
E a possibilidade da surpresa estimula-me,
derroga as portas frustradas, repetidas, iguais
de outros portais que um dia cerraram expectativas.
Sempre de algo novo, ou, então, a fuga do eu estático,
irado, mudo, insuportável dentro de si, debatendo-se.
O que é a porta? (...)
– Um contínuo tomar o caminho da estrada, estar na estrada,
independentemente do lugar onde se possa chegar –
E encontrar a nenúfar imaginária
da ogiva da porta
no caminho de casa

Vontade de Existir (óleo sobre tela, de Maria Cristina Gama)



Canela (óleo sobre tela, de Maria Cristina Gama)

Todo meu ser é uma resposta
agradecida à natureza que me cerca.
É porque tudo é natureza,
mesmo o objeto fabricado,
mesmo o controle remoto sobre a mesa,
tudo me é indiferentemente natureza
porque tudo faz parte da vida
pelo manuseio ou pela vista
e porque simplesmente está:
então é vida, é natureza.
E bem agradecida melhor que não agradecer
e mesmo infundida de tanta dor e ser
menos doída quanto mais a ferida esquecer.

Sânscrito

Amor, vou esconder as minhas mãos
debaixo das tuas
para nunca mais escrever poemas de amor.
Vou empinar o peito
para que não se coagule
o sangue derramado do meu coração
numa posição iogue.
E pacificamente vou entoar
o mantra de um
até que tu voltes.



PEGANDO ONDA

Grace Melo

Apesar das condições do mar não serem perfeitas para sua prática, Sergipe sempre contou com a atuação de grandes talentos que, com muita garra, fé e força de vontade, conseguiram escrever o nome do menor Estado do Brasil no livro da história do surf brasileiro.

Nem Kelly Slater, nem Joel Parkinson, muito menos Mick Fanning. O atual líder do campeonato mundial de surf é um brasileiro: Adriano de Souza (Mineirinho). O apelido engana muita gente: Mineiro é Paulista, nascido no Guarujá. Seu principal patrocinador é a marca nordestina Pena, e ele é hoje o melhor dos 35 milhões de adeptos de um esporte cuja indústria movimenta U\$ 22 Bilhões de dólares ao ano em todo o planeta.

Apesar das condições do mar não serem perfeitas para sua prática, Sergipe sempre contou com a atuação de grandes talentos que, com muita garra, fé e força de vontade, conseguiram escrever o nome do menor Estado do Brasil no livro da história do surf brasileiro.

Um desses atletas é Robson Fraga, o Siri, que foi o primeiro sergipano a entrar no ranking da ASP (Association of Surfing Professionals) e de colocar Sergipe pela primeira vez na elite do surf nacional. Robson já foi oito vezes campeão sergipano (dois títulos na categoria pranchinha e seis no longboard), é bicampeão brasileiro, bicampeão alagoano, bicampeão baiano.



Demostenes Frota, Claudio Tadi e Jadson Barbosa - 1986 - arquivo de Esdras Olímpio

Pesquisa

Formado em Educação Física, Siri realizou uma ampla pesquisa sobre a história do surf em Sergipe, durante seu trabalho de conclusão de curso, e foi com a sua colaboração e a dos membros do grupo 'Sombreiro Surf Aracaju', na rede social Facebook, que demos início ao resgate de parte dessa história para os leitores de "Cumbuca". Tudo começou ainda no final da década de 60, com a ida de dois sergipanos a Salvador para

estudar: Ubiracê Fontes Aragão (Bira) e Paulo Tavares.

Este último conta que comprou um *longboard* de fabricação baiana da marca Haty e, quando tirou férias, trouxe para casa a primeira prancha que deslizou as ondas do litoral sergipano. Como não tinha veículo e precisava pedir o carro do irmão para levar sua prancha para a praia, Paulo Tavares resolveu deixá-la na casa do seu amigo Agostinho Cardoso, que morava na Atalaia. Esse se apaixonou pelo esporte e também viajou a

Salvador para comprar sua própria prancha.

Elvis

Bira conta que seu amor pelo surf nasceu no cinema. Ele era garoto quando assistiu um filme com Elvis Presley surfando no Havaí. "Eu fiquei encantado com aquilo. Você deslizar em cima da água? Achei fantástico, mas aqui não tinha isso, ninguém sabia nada de surf em Aracaju. Foi quando eu conheci Lourenço Tavares e ele me

disse que tinha a prancha fabricada no Havaí", lembra. O amigo comprou uma prancha mais moderna, de fabricação australiana, e vendeu a mais velha para Bira. Em 1967, tanto Ubiracê quanto Paulo davam início à história do surf em nosso Estado.

Bira lembra do problema para transportar o equipamento pelas estradas do nordeste no fusca do amigo Sérgio Santana. "Sempre que tinha blitz, a Polícia Rodoviária parava o carro e perguntava qual seria o destino do 'barco'. E eu dizia: – Barco não!

É uma prancha de surf. Como tinha autorização do Contran, seguíamos viagem sem maiores problemas", destaca.

Muitos dos surfistas começaram a praticar o esporte inspirados por Ubiracê. "Quando eu cansava de surfar, olhava para a praia e tinha sempre uma fila enorme de meninos, todos esperando sua vez. Muitos deles começaram depois de experimentar o surf com aquela prancha havaiana. Muita gente já fez ofertas, tentaram me comprar, mas até hoje tenho ela guardada em casa".

Décadas de 60 e 70

No final da década de 60, Ivan Leite (atualmente conhecido por sua atuação na política), que morava em São Paulo, regressa a Aracaju com uma prancha de surf. Ele pegava onda em frente ao Clube dos Médicos, local hoje conhecido como havaizinho, ainda um dos melhores locais para a prática do surf aqui na capital. Como era impossível transportar as pranchas grandes e pesadas sozinhos, os pioneiros precisavam sempre da ajuda dos amigos, que também começa-

Orla de Atalaia. Foto: Arivaldo Azevedo Santana



vam a se interessar pela prática do esporte.

Ainda na década de 70 também começaram a praticar o esporte Sálvio, Ricardo Freire (Black), Kleiber, Ronaldo Carvalho, Tom Tom, Edney, Fernandinho, Dominginhos e Olegário, Jorge Ratinho, Bôbo Cruz, os irmãos Enio e Gango, Américo da Cabana, Nairson Junior dentre outros. E com o crescimento do número de adeptos, um problema começa a surgir: quem iria consertar as pranchas?

Paulo Tavares conta que como não tinham muita intimidade com o surf, eles perma-

neciam na prancha o máximo de tempo possível, arrastando a quilha na areia. Quando a quilha de sua prancha quebrou, ele fez uma viagem de trem para Salvador que durou 48 horas. “Já os buracos na prancha a gente dava um jeito passando breu”, destaca.

Em 1974 Edney, Ricardo e Agostinho, fundaram a 1ª fábrica de pranchas de Sergipe, a ERA. No mesmo ano Kleiber inicia a atividade da B. Brothers. Em 1976 o primeiro campeonato, promovido pelas pranchas Gledson's, com a presença de Rico de Souza e apoio da Rede Globo, despertou a atenção para o esporte.

Anos 80

Nessa década, o surf se estabeleceu definitivamente em Sergipe, atraindo um número cada vez maior de adeptos. Foi exatamente em 1980, que os amigos Valdeck Júnior e Thiago Bastos Cunha, na época com 12 e 13 anos, respectivamente, pegavam a prancha de Ubiracê (tio de Valdeck) emprestada (sem que ele soubesse disso) e tiveram seus primeiros contatos com a magia do surf e nunca largaram sua grande paixão.

Como morava um pouco distante do colégio, Valdeck

Romeu Cruz



“ Prestes a completar 40 anos, Romeu Cruz é um dos maiores atletas da história do surf em Sergipe. ”

Eninho - arquivo de Thiago Cunha



Paulo Tavares

“ Sempre que tinha blitz, a Polícia Rodoviária parava o carro e perguntava qual seria o destino do ‘barco’. E eu dizia: – Barco não! É uma prancha de surf. ”

”



Destaque

pediu ao pai uma mobilete para ir às aulas, mas a usou por pouco tempo. “Eu estava de olho numa K&K (na época, uma das melhores pranchas do Brasil) que estava a venda na loja Point Ride. Era uma quatro quilhas que acabara de ser lançada e estava custando Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros). Vendi minha moto, corri para a loja e levei prancha, cordinha e parafina. Meu pai quase me mata, e obrigou-me a ir ao colégio a pé”, lembra Valdeck, que até hoje faz o possível para surfar todos os dias, em qualquer condição.

Thiago Bastos Cunha é hoje um dos maiores *shapers* (fabricante de pranchas) do Brasil. Com fábrica no Rio de Janeiro e outra a ser aberta em Aracaju ainda este ano, ele diz que sofreu bastante preconceito quando – para a felicidade de milhares de surfistas em todo o país – decidiu largar um emprego estável no Banese para viver da fabricação de pranchas.

Para Thiago, o grande momento do surf em nosso Estado aconteceu com o surgimento da Liga Sergipana de Surf, presidi-

da por Fernandinho, da Casa das Tintas. “Foi a partir daí que houve uma explosão de adeptos, e de eventos que colocou o surf Sergipano em destaque. Seu legado fez com que mais uma ou duas gerações se valesse de suas conquistas. É o caso da geração de Romeu Cruz, Laus Rocha, Edson Papagaio, Sandick, André Nascimento, meu irmão Pedro, Ricardinho e outros dessa mesma geração”, afirmou.

Graças à Liga, Sergipe tinha um circuito com diversas etapas, inclusive etapas em outros Estados, como em Coruripe-AL e um ranking. O estado tinha seu



time representando nos eventos regionais e nacionais. Havia festa de premiação dos melhores do ano e todos estavam motivados. “Eu sou órfão dessa época, tive que partir e deixar as pessoas que gosto e minha família, mas tento sempre representar bem o estado dando o meu melhor para fazer com que Sergipe tenha seu espaço no cenário do surf Nacional”, completa Thiago.

Ícones

Extremamente querido pela tribo do surf em todo o país, Cláudio Tadi tem brilho nos

olhos quando fala de sua trajetória no esporte. Ele conta que já surfou todas as ondas do litoral brasileiro, conquistou títulos, fez muitos amigos e fabricou nada mais nada menos que 23 mil pranchas de surf – ele é um dos proprietários da antiga “Sequência”, continua trabalhando com a fabricação de pranchas, mas hoje elas levam as iniciais do seu nome “CT” e os foguetes estão mais velozes do que nunca.

Tadi fala com carinho das dificuldades encontradas quando resolveu começar a surfar: “Meu pai era pescador, eu não tinha condições de ter uma prancha,

mas tive grandes amigos que me incentivaram, ajudaram e foram essenciais para que eu pudesse surfar, dentre eles Fábio Leite, Isaac Schuster, Fábio Dória (Binho) e muitos outros que viram que eu levava jeito e começaram a investir na minha carreira. Sem eles muito provavelmente eu jamais teria ido adiante”.

“Eu não tinha prancha, então eles ficavam pegando onda e quando acabavam de surfar deixavam a prancha comigo. Aí eu me acabava!”, lembra. Ele e o também *shaper* Saulo Morais foram as figuras dominantes nos

pódios dos campeonatos de surf na década de 80. “Quando tinha campeonato o pessoal já sabia que eu e Saulinho iríamos disputar o primeiro lugar. Ou era eu, ou ele”, diz.

Aos 48 anos, Tadi diz que Sergipe tem sim muitos talentos que poderiam ser reconhecidos mundialmente, mas não foram por falta de apoio e dá a dica para quem quer ter sucesso no mundo das competições: “Dormir cedo, não usar drogas, ter apoio financeiro, moral e se preparar para ser um grande atleta”.

Campeões

Prestes a completar 40 anos, Romeu Cruz é um dos maiores atletas da história do surf em Sergipe. Dentre os muitos títulos conquistados, ele destaca sua participação no Super Surf, onde derrotou o ícone Fábio Gouveia em uma bateria homem a homem. Neste ano, Romeu voltou a subir no topo do pódio na praia de Stella Mares, em Salvador, durante a segunda etapa do campeonato Brasileiro de Surf, categoria Máster.

Da turma mais jovem, destaque para Bruno Marujinho, Bruno Cainan e Kayan Barbosa (filho de Cláudio Tadi), grandes ícones, que mesmo surfando em condições adversas, chamam a atenção pelo talento e que poderiam sim, representar Sergipe no circuito mundial, mas sofrem com o mesmo problema que vem maltratando os atletas da terra há gerações: a falta de patrocínio para que possam treinar, competir e se dedicar completamente ao esporte que faz bem ao corpo e a alma. *Aloha!*

“ O grande momento do surf em nosso Estado aconteceu com o surgimento da Liga Sergipana de Surf, presidida por Fernandinho, da Casa das Tintas. ”



Bruno Marujinho



Kayan Barbosa

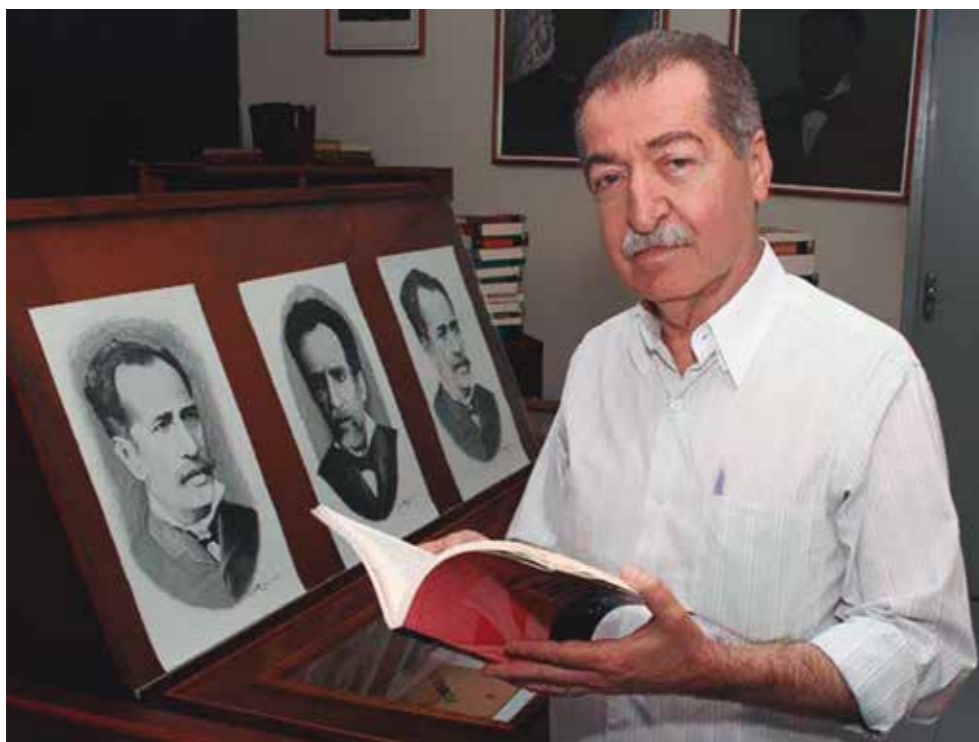


Robson Fraga (Siri)



As obras completas de Tobias Barreto permitem História do Brasil

O lançamento da nova edição das obras completas de Tobias Barreto marca a celebração do 08 de julho de 2013, data na qual se celebra a emancipação política do Estado de Sergipe, o dia da sergipanidade. Publicada em regime de coedição pela Editoria Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise e pela editora J. E. Soloman, os dez volumes foram organizados por Luiz Antonio Barreto, antes da sua morte, em abril de 2012.



Luiz Antonio Barreto

Os dez volumes compreendem os títulos *Estudos de Direito I, II e III*, *Crítica Política e Social*, *Dias e Noites*, *Estudos de Filosofia*, *Crítica de Religião*, *Estudos Alemães*, *Monografias em Alemão* e *Crítica de Literatura*.

Esta nova edição, publicada por determinação do Governador Marcelo Déda, objetiva homenagear a sergipanidade e as memórias de dois importantes intelectuais de Sergipe: o próprio Tobias Barreto de Menezes e Luiz Antonio Barreto, que dedicou sua vida a estudar e a organizar o legado intelectual do primeiro. A primeira edição da obra, organizada por Luiz Antonio, foi publicada em 1989, também por decisão do Governo do Estado de

Sergipe, quando o atual senador Antônio Carlos Valadares chefiava o Poder Executivo.

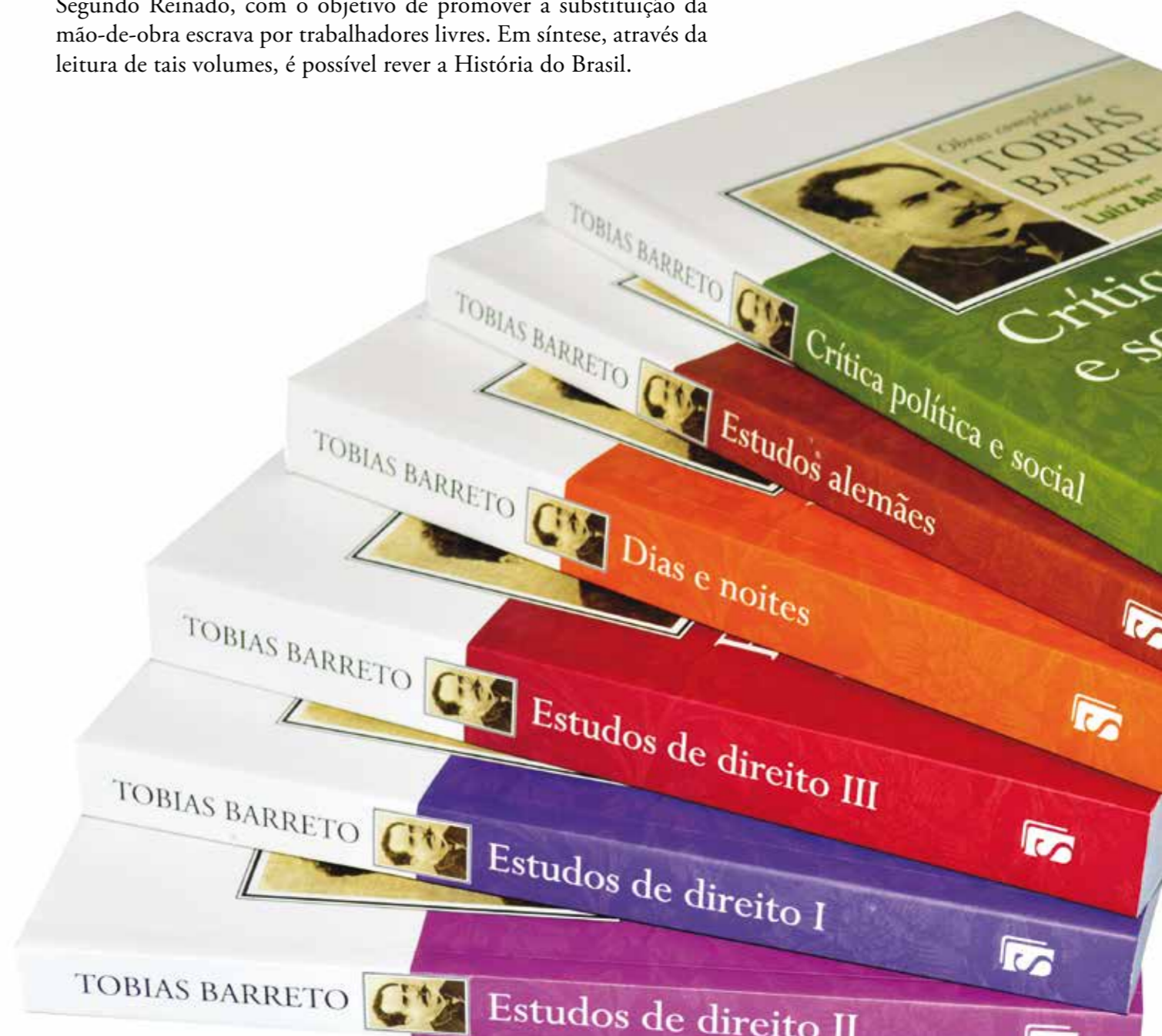
A leitura da obra de Tobias Barreto é um importante instrumento que possibilita a compreensão do modo como os brasileiros organizaram a sua identidade nacional durante o século XIX, analisando fatos como a Questão Religiosa, que teve como pano de fundo um intenso debate entre liberais e padres jesuítas ultramontanos. Com Tobias Barreto, é possível entender muitas das representações correntes sobre a Monarquia brasileira e a afirmação da necessidade de pensar a respeito do Estado brasileiro e formular projetos coerentes.

Tobias Barreto



O Brasil que Tobias Barreto descortina revela o mosaico de um país complexo que viveu as contradições do Romantismo, um movimento que marcou as visões de política, literatura, moral e ciência das pessoas. Trata-se de um tempo de dura luta entre a moral religiosa e o ateísmo; período de consolidação do Evolucionismo. Nessa fase, o Brasil conheceu o Liberalismo do Segundo Império e a decadência da sua Monarquia. Foi o período no qual se lutou pela preservação da unidade nacional, na única Monarquia que sobreviveu ao processo de liberação política do continente americano onde se adotou a República como modelo de Estado.

Os dez volumes das obras completas de Tobias Barreto nos permitem perceber que, de fato, é muito difícil falar em democracia quando estamos tratando de um Estado cuja base econômica era fundada sobre o trabalho escravo. Mas, também, levam todos a pensar que não se pode ocultar o empenho da política empreendida durante o Segundo Reinado, com o objetivo de promover a substituição da mão-de-obra escrava por trabalhadores livres. Em síntese, através da leitura de tais volumes, é possível rever a História do Brasil.



Novos rumos na Fundação Aperipê

Dilson Ramos

Quem experimentou o ‘gosto’ de atuar no serviço público tem a noção exata do funcionamento da máquina estatal: quase sempre pesada, lenta nas decisões. É uma labuta diária contra a burocracia. No sistema Aperipê - que engloba as emissoras educativas de rádio e tevê de Sergipe, o cenário é parecido, é um desafio para quem a dirige. A missão agora é tocada pelo jornalista Luciano Correia, que empreende uma gestão modernizadora na tevê pública sergipana, com foco no jornalismo participativo e vibrante. “Jornalismo cidadão sem perder o foco na cobertura do dia a dia”, explica.

Depois do diagnóstico inicial, e a frustração de perceber que ainda havia muito caminho a ser percorrido, Luciano Correia passou a implantar, passo a passo, o que chama de uma “nova identidade” na TV Aperipê: “Praticamente começamos do zero no jornalismo, onde encontramos defici-

ências na cobertura. Mudamos o foco e a primeira experiência veio com o ‘Conexão Aperipê’, com abordagem diferenciada dos fatos e um quadro fixo de colunistas”, relata o superintendente da emissora educativa.

A redação começou a ‘pulsar’. E foi de lá, entre mesas e computadores, que o público da Aperipê passou a ser alimentado, de hora em hora, com boletins. “A proposta era tirar o noticiário dos estúdios e levá-lo para a redação. Os boletins do ‘Hora em Hora’ têm a cumplicidade dos jornalistas da emissora, eles caçam a notícia, apuram, têm envolvimento direto. Há um rodízio nos boletins, o que permite destacar novos talentos. Nos tornamos uma escola, temos na redação vários jovens que ainda estão na faculdade”, observa Luciano Correia. “Os jornalistas que estão na redação são as fontes da notícia que veiculam”.

A receita tem dado certo. Embora ninguém esteja querendo ‘descobrir a pólvora’, o formato de cobertura implantado tem agradado ao público. Luciano afirma que a ideia é fugir de um padrão de jornalismo que é batido, um lugar comum. “Nada de buraco, de esgoto a céu aberto. O que temos oferecido é um noticiário que trata de temas que estão no dia a dia, mas o que cobrimos está relacionado com o meio ambiente, com a cultura”.

Os colunistas do ‘Conexão Aperipê’ discutem economia, políticas urbanas, a sustentabilidade, mídia e mercado, literatura. Levamos ao público goles de cultura, como música clássica, e o desfecho, por exemplo, de uma operação policial. Dessa forma, entramos em todos os segmentos da sociedade”, comenta o superintendente, que acompanha de perto cada fase da reformulação que coloca em prática. “A mesma preocupação tenho com a cobertura das rádios AM e FM”, avisa.

Um jornalismo dinâmico e renovado exige um telejornal noturno recheado com o que aconteceu de mais importante em Sergipe. O ‘Aperipê Notícias’, outro telejornal de fôlego da emissora

educativa, é exibido diariamente, às 18h30, com um conteúdo que segue a mesma linha do ‘Conexão Aperipê’. “Veicula notícias através de uma cobertura dinâmica, renovada. Produz um telejornalismo sem sensacionalismo, com uma entrevista de estúdio que garante mais veracidade aos fatos”, explica Correia.

Para a diretora de Jornalismo da Aperipê, jornalista Rosângela Dória, a cobertura da notícia na emissora é um trabalho que exige uma árdua apuração diária, e um filtro constante em busca da qualidade: “Começamos a apurar o que é destaque nas emissoras de rádio, filtramos, checamos e colocamos no ar. A equipe está sempre correndo atrás, não há nada diferente de outras emissoras. Nosso diferencial é o foco em assuntos que interessam à coletividade e colocam o cidadão em primeiro lugar. Em lugar de buracos, questões do meio ambiente. É assim que lidamos com a notícia aqui”, explica.

As mudanças empreendidas na TV Aperipê foram além dos limites da redação. Foram criados vários programas e os que existiam na casa passaram por reformulações. Luciano Correia é

Programa De Hora em Hora





Programa Contra Ponto

protagonista direto desse novo momento: é âncora de um projeto que idealizou, o 'Espaço Público', programa de debates semanal que aborda temas de interesse da sociedade e tem foco maior na comunicação. Costuma ser apresentado também pela jornalista Rosângela Dória, diretora de Jornalismo da emissora.

"O 'Espaço Público' sempre traz para o estúdio um tema envolvente, às vezes polêmico, num debate que sempre conta com profissionais que estão envolvidos no assunto. Isso garante dinamismo e uma boa discussão. É uma receita que deu certo", afirma Luciano Correia, que cita também outro destaque na reformulação da Aperipê, o programa 'Contra-ponto', também semanal. Segundo Correia, é um projeto com formato interessante: "Trata-se de um programa informal, com formato moderno e coloquial. Está sempre discutindo temas locais e globais, uma conversa animada comandada por Antônio Passos com as participações de Carlos Cauê, Amaral Cavalcante, Jorge Carvalho, Sales Neto, figuras que nunca deixam o clima ficar pesado", brinca.

“**A cobertura da notícia na emissora é um trabalho que exige uma árdua apuração diária, e um filtro constante em busca da qualidade**”

Na grade da Aperipê, o público conta ainda com programas como o 'Plural', voltado para a literatura sergipana, transmitido pela TV Brasil, em rede nacional. "Temos ainda o 'Temporada', um espaço que discute e destaca o teatro, talvez um dos poucos na televisão brasileira com esta temática. E o 'Expressão', apresentado pelo experiente Pascoal Maynard, é uma revista semanal do mundo das artes e da literatura de Sergipe e de todo o país".

O programa "Loboratório" é outra peça na engrenagem da Aperipê que reforça o conteúdo cultural do projeto e aborda sempre o universo da música sergipana sob a batuta de um músico experiente, com intimidade com as câmeras. O esporte é tratado no 'Bola em Jogo', uma resenha esportiva que analisa o dia-a-dia dos clubes e cobre ainda outros esportes. É apresentado por Cristiano Prado. "Temos tido preocupação com o programa, que está sempre ganhando retoques, mudanças. Futebol é uma paixão que não pode ficar fora da programação".

Criada para ser um canal de fomento da cultura e da educação, e da notícia, a Aperipê tem buscado um caminho novo desde que passou a contar com a programação da TV Brasil. E esse espírito de mudança está todos os dias na cabeça de Luciano Correia. Esse casamento tem gerado bons frutos, como o 'Estação Periferia', primeiro programa da história da televisão sergipana exibido em rede nacional pela TV Brasil. É mostrado nos 27 estados e na TV Brasil Internacional, exibida em 68 países. "É um filho querido da emissora e fizemos questão de comemorar, celebrar essa conquista. Nos causa orgulho ver um programa gerido aqui ser mostrado em cadeia nacional, ocupando um espaço na grade da TV Brasil", diz Luciano Correia. Na grade da Aperipê, ainda se destacam programas como o 'Olha Aí, dedicado à produção e divulgação do audiovisual sergipano, e apresentado por Diane Veloso.

Rádio

Um olho cá, um ouvido lá. É assim o dia-a-dia de quem comanda a emissora. O superintendente, Luciano Correia, que é professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e pesquisador da área de comunicação, com dois livros

“**Praticamente começamos do zero no jornalismo, onde encontramos deficiências na cobertura. Mudamos o foco e a primeira experiência veio com o 'Conexão Aperipê', com abordagem diferenciada dos fatos e um quadro fixo de colunistas**”

publicados, acompanha de perto a programação da tevê e das rádios AM e FM. Seguindo o formato da tevê, as emissoras de rádio do sistema Aperipê passaram a adotar um modelo dinâmico com novo foco na cobertura.

Programa Espaço Público



Na Aperipê FM, foi implantado o boletim 'De Hora em Hora'. O radialista Messias Carvalho passou a comandar um jornalístico no horário das 12 às 13 horas. E o 'Repórter Aperipê', com tempo de duração de 20 minutos, foi tratado com atenção especial. A programação conta hoje com nomes que dão mais leveza ao microfone, como o tabaréu Coronel Vevé. Programas de grande audiência, como 'Forró no Asfalto', ganharam também a atenção da atual gestão. O conteúdo popular foi mantido e as emissoras seguem o padrão com nomes como Dantas Mendes ('Som da Parada'), João Neto (Revista Aperipê) e Zé Américo 'Na varanda da fazenda'. Na FM, foi criada uma nova grade com valorização do pop, MPB e clássicos. Podemos ainda mencionar programas que possuem público cativo, como 'Acervo Aperipê', 'Canta Brasil', 'Almoço com Jazz', 'Música Urbana', 'Choros & Canções' e 'Clube do Jazz'.

Programa Notícias Aperipê



Digitalização

A prática de um jornalismo cidadão não é a única preocupação de Luciano Correia na TV Aperipê. A emissora continua com um conjunto de equipamentos defasados, que impedem passos mais avançados. Por isso, está finalmente saindo do papel o projeto de troca total de equipamentos e do sistema de produção e transmissão. É a digitalização da emissora. A mudança de sistema analógico para digital, que exige um alto custo financeiro, deve ser a principal meta da atual gestão.

“É uma nova tecnologia, um parâmetro completamente novo de processar as imagens. A mudança que vai ser processada aqui tem uma escala de avanço que poucas pessoas são capazes de avaliar, daremos um salto de qualidade gigantesco”,



Alunos do Mídia Jovem em visita a Aperipê FM

explica o diretor de Operações, Jefferson Andrade. O processo de mudanças vai permitir que a TV Aperipê melhore o sinal que chega na residência do telespectador. Com isso, um mundo novo se abre na Aperipê a partir da digitalização.

A digitalização vai ampliar mais ainda o casamento da TV e Rádio Aperipê com a internet. A emissora, que já possui uma interação inovadora com a rede mundial de computadores, será capaz de levar seu conteúdo de forma mais rápida e diferenciada nas redes sociais e no seu site, onde há links ao vivo para a tevê e para as duas emissoras de rádio. “Parte de nossa audiência está vindo das redes sociais, onde temos uma interatividade enorme. Todo o nosso conteúdo é disponibilizado em tempo real e também em inserções diárias em redes sociais”, declara Rosângela Dória.

A interação com o público via redes sociais anima Luciano Correia, um admirador das novas formas de comunicação. Segundo ele, a internet é capaz de potencializar o papel da emissora à medida em que o internauta usa a tevê, em consonância com a rede social, para interagir. “Nossos progra-

mas ao vivo, com o 'Espaço Público', tem uma participação expressiva de internautas. Eles acompanham o programa pela tevê e enviam perguntas e críticas através dos nossos canais na internet. Isso mostra que o casamento entre os dois sistemas gera bons resultados”, comenta Luciano Correia.

Marketing

Outra frente de trabalho que tem tomado tempo da nova gestão é o marketing. Com o lançamento de novos produtos na grade de programação e a cobertura de grandes eventos como o Forró Caju, a emissora passou a buscar parceiros também na iniciativa privada. “Com uma programação qualificada como a nossa as empresas e instituições que investem na Aperipê têm retorno valorizando suas marcas. Temos cuidados com o conteúdo que vai pro ar e nosso público é qualificado. Isso representa um ponto forte para quem busca se expor”, garante Luciano.



1º Templo Protestante de Sergipe: Igreja Presbiteriana, Laranjeiras (fundada em 1884)

A Batalha da Fé:

A implantação da Igreja Protestante

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento

Primeira em Sergipe

A chegada dos primeiros protestantes em Sergipe na segunda metade do século XIX provocou reações tanto por parte do clero como dos fiéis católicos. Durante toda a década de 1880, período no qual o Presbiterianismo se instalou definitivamente na Província, a imprensa de Laranjeiras e Estância registrou as distintas interpretações que os dois grupos religiosos possuíam a respeito da Bíblia. A distribuição de material religioso e a publicação de artigos nos jornais locais foram estratégias utilizadas para preparar o terreno antes de organizarem suas igrejas e escolas.

Os embates travados entre os dois grupos religiosos foram veiculados nos jornais *O Horizonte*, *O Laranjeirense* e *O Republicano*, da cidade de Laranjeiras, e nos jornais *O Pharol* e *O Século*, que circulavam na cidade de Estância, centros urbanos, à época mais permeáveis aos objetivos dos representantes da nova fé.

A definitiva inserção das vertentes protestantes reformadas no Brasil só se efetivou na segunda metade do século XIX, com a chegada de imigrantes norte-americanos, oriundos das chamadas denominações históricas – metodistas, congregacionais, presbiterianos e batistas. Das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, missões norte-americanas, juntamente com as

Sociedades Bíblicas, despacharam missionários e colportores – vendedores de material religioso – para os mais distantes pontos do país.

O Trabalho dos Colportores

Em Sergipe, desde 1863 tem-se notícia da presença de propagandistas itinerantes. Dentre as cidades que escolheram para disseminar suas ideias religiosas, constam Laranjeiras e Estância.

Na segunda metade do século XIX, a cidade de Laranjeiras refletia as discussões e transformações que estavam ocorrendo no restante do país, como, por exemplo, as apresentações de peças nacionais nos seus dois teatros, as discussões políticas e religiosas travadas em jornais e pe-

riódicos, a construção de escolas e templos protestantes, o Clube Democrático, do qual saíram os primeiros dirigentes da República em Sergipe.

Em 1867, o colportor português Torquato Martins foi preso pelo chefe de polícia provincial Antero de Assis e proibido de fazer qualquer venda. O incidente repercutiu fora da Província chegando até o Rio de Janeiro, onde foi denunciado o caso de intolerância religiosa no *Jornal do Commercio* do dia dois de abril do mesmo ano.

Em 1878, tem-se notícia dos primeiros artigos assinados por um colportor, Pedro Degiovanni, no jornal estanciano *O Século*, do qual era redator José Caetano. A causa entusiasmou o estanciano João Profeta dos Santos, que,

mais tarde, fez profissão de fé e saiu em viagem como colportor. Outro jornal da cidade registrou a disputa entre Degiovanni e o Pio Católico (pseudônimo utilizado por um articulista que combateu intensivamente a chegada dos protestantes ao território sergipano), tendo como ponto central a distribuição de Bíblias e folhetos. De acordo com o jornal estanciano *O Pharol* (18/04/1888), o Protestantismo foi visto por padres católicos sergipanos como “uma seita, uma expressão religiosa fraca, pois estava dividida em vários segmentos, diferentemente do catolicismo, que pregava um único batismo e uma só igreja”.

As diferentes interpretações que os representantes do Cristianismo faziam sobre a Bíblia,

estavam, portanto, explicitadas nos artigos publicados nos periódicos. Nos artigos, o Pio Católico afirmava que com a distribuição de folhetos e Bíblias o Protestantismo pretendia criar prosélitos, desvirtuando os verdadeiros crentes cristãos das doutrinas da Igreja Católica. Já Pedro Degiovanni refutava seus argumentos utilizando-se de textos da própria Bíblia adotada pela Igreja Católica e questionava a veneração de imagens, a infalibilidade papal, como também reivindicava a liberdade da leitura da Bíblia pelo povo, não em latim, mas em português.

Manoel dos Santos David foi o protestante sergipano que mais se destacou nos conflitos que ocorreram na década de 1880 entre os representantes das

duas vertentes do cristianismo. Comerciante, segundo suplente de Juiz, foi um dos primeiros a se converter ao Protestantismo ainda no final dos anos de 1860, através dos colportores. Os jornais laranjeirenses publicaram seus artigos durante os anos de 1887 e 1889. Neles, ele descreveu a organização da igreja presbiteriana de Laranjeiras e as perseguições sofridas pelos seguidores.

Desde o início da publicação dos primeiros números do jornal *O Horizonte*, em junho de 1885, o intelectual sergipano Felisbello Freire, sob o pseudônimo de Y, publicou uma série de quatro artigos

Ruínas do sobrado dos protestantes



“ Na mesma edição do dia 23 de junho, Manoel David publicou um anúncio oferecendo a quantia de 50\$000 réis para quem descobrisse na Bíblia da igreja romana a palavra purgatório. ”

Ministro presbiteriano Alexander Latimer Blackford (Ilustração de Edson Lima)



“

As polêmicas provocadas pelos presbiterianos em cidades sergipanas e a abertura dos jornais em veiculá-las possibilitaram uma difusão mais eficaz dos seus ideais.

”

intitulados “O Protestantismo e a Ciência”. Na mesma edição do dia 23 de junho, Manoel David publicou um anúncio oferecendo a quantia de 50\$000 réis para quem descobrisse na Bíblia da igreja romana a palavra purgatório.

As ideias defendidas e propagadas pelos presbiterianos acirraram os ânimos não só dos católicos, mas também de anticlericais. Em janeiro de 1886, o editor do jornal *O Horizonte* registrou alguns fatos que aqueles “deturpadores da ordem” estavam provocando na cidade: “uma senhora da nossa sociedade, domingo passado, após o sermão do ilustre ministro presbiteriano sr. Blackford, chegando à casa, apoderou-se de um nicho onde guardava algumas imagens, e (...) esmigalhou-as a golpes repetidos de martelo,” tendo jogado pelas ruas os “destroços”.

As atitudes tomadas pelos presbiterianos provocaram um posicionamento por parte da igreja católica local. O Cônego Elizário Vieira Muniz Telles, da Paróquia de Laranjeiras, se pronunciou, escrevendo ao Presidente da Província, descrevendo



A cruz protestante se apresenta na ausência icônica de Jesus Cristo, visto que é comum a inadmissão de imagens entre evangélicos.

os incidentes ocorridos na cidade e pedindo providências. Nos últimos anos da década de 1880, os embates se acirraram. Em outubro de 1887, a igreja católica enviou para Laranjeiras dois padres capuchinhos.

No artigo intitulado “O Grito de uma Vítima”, David descreveu três casos que ocorreram com presbiterianos na cidade: ele próprio fora vítima de um atentado à bala; o missionário Alexander L. Blackford e o colportor Herculano Café foram vítimas de agressões quando desembarcaram no porto de Laranjeiras, sendo esmurrados e apedrejados; os católicos laranjeirenses teriam sido estimulados

por frades capuchinhos italianos a cometerem atos de violência contra os protestantes.

As polêmicas provocadas pelos presbiterianos em cidades sergipanas e a abertura dos jornais em veiculá-las possibilitaram uma difusão mais eficaz dos seus ideais. Em 1884, foi organizada a primeira igreja protestante e dois anos depois, a Escola Americana, em Laranjeiras. Posteriormente, os presbiterianos irradiaram sua ação por toda a Província. Os acontecimentos daquela década marcaram o início de uma disputa de almas entre católicos e presbiterianos que prosseguiria em Sergipe no século seguinte.



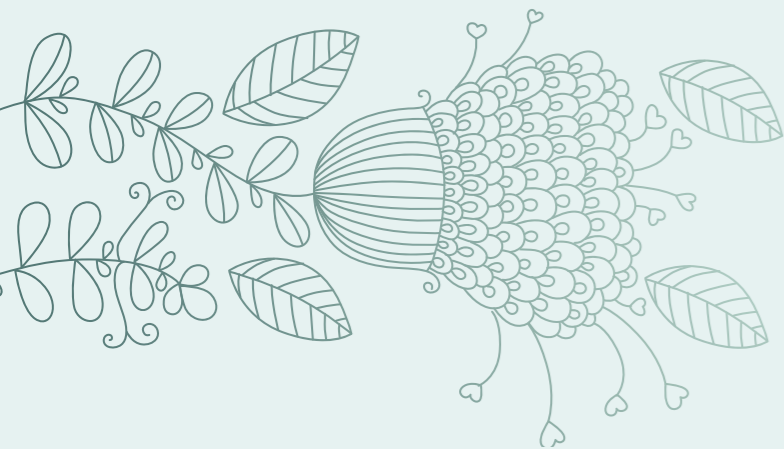
Ecoss da Infância

Petrônio Gomes

O fogão era de barro e quase todas as panelas também. Ocupava quase a metade da área da cozinha e aceitava tanto a lenha como o carvão, mas era de lá que vinha o cheiro de tudo quanto eu gostava. A cozinheira fumava cachimbo e falava sozinha, mas ninguém conseguia entender o que ela dizia. Quando o calor era intenso, ela se abanava com a própria saia, agitando-a com as duas mãos, ao mesmo tempo em que dizia: “Credo”!

A ventania da saia da cozinheira chegava até onde eu sempre ficava, sentado junto à porta e mastigando roletes de cana, partidos em cruz, cuidado de minha tia-mãe. Por falar na saia, lembro-me também de que ela primeiro tirava o cachimbo, colocando-o num pires quebrado, junto ao forno, e não se incomodava de levantar a saia até bem alto, porque havia mais duas por baixo.

O galinheiro era simples cercado de varas bem fincadas e unidas por duas séries de arame, com uma pequena porta lá no fundo que permitia a entrada de uma pessoa que fosse levar o alimento das aves,



contanto que essa pessoa curvasse bem a coluna, como maometano na hora de rezar. O dono do pedaço era um galo bonito, elegante, já na terceira idade, a julgar pelo grande esporão em forma de meia lua. Cantava nas horas certas: quando raiava o dia, no meio da tarde e quando ia terminando a madrugada. Ao primeiro canto da manhã, as galinhas saltavam do poleiro e iam cuidar da vida. O número das consortes do galo variava e parece que o preço da estadia de cada uma era de acordo com os ovos que ela conseguisse trazer ao mundo.

De vez em quando, desaparecia alguma misteriosamente, indo parar, esquarterada, em uma das panelas para o almoço de domingo. Porque almoço domingueiro era galinha, galinha e galinha. E

surgiam, de repente, outras substitutas que viriam suprir as faltas das galinhas que não cantavam. Pois a primeira coisa que uma delas faz é cantar quando deixa um ovo em qualquer lugar. Nunca entrei no cercado, pois sempre tive medo do esporão do galo.

Em frente à nossa casa havia uma loja que vendia de tudo: novelos de linha, velas, pirolitos e querosene. Eu cansei de atravessar a rua para comprar o que titia havia esquecido. Ela não tinha preocupação com a minha travessia quase diária, pois a única ameaça era o bonde, que só passava uma três vezes ao dia. Lá no fundo da loja, havia um *guichet*, o primeiro que vi na minha vida, onde trabalhava a moça que recebia o dinheiro dos fre-

gueses, dentro de uma espécie de gaiola, sentada sobre um tamborete alto, com uma toalha sobre os joelhos. Era uma beleza de mulher, sempre sorridente, e gostava quando eu entrava na loja. Certa vez, ela me chamou e abriu a porta do seu “gabinete”, mostrando-me a caixa registradora e passando a mão em minha cabeça. Saí da loja completamente desvairado, caminhando sobre as nuvens. Mas era um amor totalmente impossível, pois eu tinha oito anos, e ela não sei quantos.

Nossa casa era do tipo comum da maioria das residências em Aracaju: uma porta e três janelas de frente, um longo corredor que tinha de um lado os três ou quatro quartos e que ia parar na copa, junto à cozinha e mais um quintal nos fundos.

Minha irmã mais velha morava no Rio, eu fiquei por aqui, aos cuidados saudosos de minha segunda mãe. Titia resolveu um dia mandar um presente para minha irmã, cujo aniversário estaria chegando. E o presente escolhido foi um vestido, confeccionado especialmente para ela, razão por que a máquina “Singer” não parava de trabalhar. Muito bem.

Mas como experimentar o vestido, se não havia menina da idade de minha irmã na redondeza? Sobrou para mim a provação.





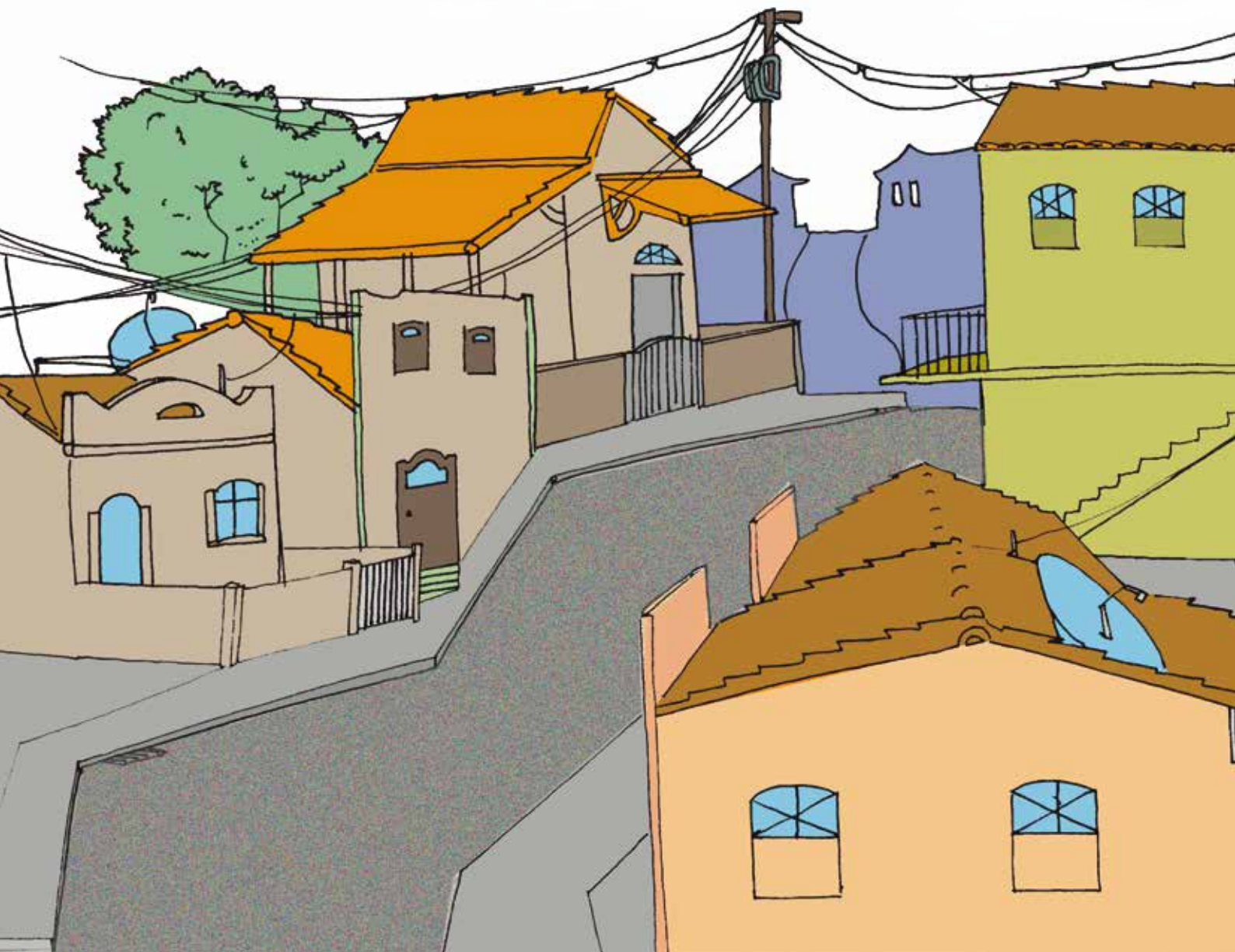
Titia me vestiu com o vestido ainda na segunda prova que seria enviado à minha irmã. Colocou-me no começo do corredor e ficou de joelhos lá no fim, com uns quatro alfinetes entre os dentes, e pediu-me que avançasse, devagar, até ela. Não sei explicar o modelo do vestido, mas não me sai da lembrança um laço em volta da cintura, uma carreira de botões que partia do pescoço e ia parar não sei onde. E as mangas que me apertavam os braços, cheias de vento, além de um laço que foi amarrado em meus pobres cabelos. E nunca vi um corredor tão longo, tão penoso!

Ecos da infância, lembranças imorredouras de cenas queridas que surgem de repente, trazendo-nos aos lábios sorrisos que tentamos esconder. Ecos de saudade, vestidos da primavera da vida, guardados por Deus em nossas almas, como se nos quisesse lembrar que continuamos a ser crianças aos Seus olhos de Pai.



A armadilha das ruas

Amaral Cavalcante
Ilustrações: Edson Lima





SE LEMBRA DE MIM?

USAVA UMA SAIA HIPPIE, BLUSA COM BORDADINHOS INFANTIS, ARGOLÃO AFRICANO EM 18 QUI-LATES NAS ORELHAS, TAMANCOS ALTOS E BOLSA ANDINA.

HEIN?!

FIZ CARA DE BESTALHÃO GANHANDO TEMPO. PRECISAVA AJEITAR O VISUAL: CABELOS BRANCOS, DISCRETAMENTE PENTEADOS PRO LADO, BIGODE INTELLECTUAL, CAMISA DE ALGODÃOZINHO COM LISTAS DISCRETAS, POSTA POR FORA DA CALÇA. BARRIGUINHA DE CHOPE, HABILMENTE DISFARÇADA NUM JEENS "CANETA" E, ENCERRANDO A IMAGEM DE POETA DESLEIXADO, AS PERNAS FINAS ENCERRADAS NUM MO-CASSIN BARATO.

VOCÊ NÃO É TONHO AMARAL?



SOU SIM.

RECORRI À MINHA MAIS VALENTE IDENTIDADE, ÀQUELA QUE USO PARA REFRASTAR ASSÉDIOS DE RUA, QUASE SEMPRE INCONVENIENTES. SIM, PORQUE, DE REPENTE, ESSES MOMENTOS PODEM ACABAR EM TRAGÉDIA - TAPAS, INGRATIDÕES REVELADAS, ENREDOS DO ARCO DA VELHA. SABE-SE LÁ ONDE ACABAM?



BARRIGA MURCHA, AR APOLÍNEO, CUIDADOS NERVOSOS COM ALGO HIPOTÉTICO NO BOLSO DE TRÁS, OLHAR NAVEGANTE DE QUEM PROCURA, ALHURES, ALGO QUE ME APRESSE NA OUTRA CALÇADA E QUE ME LIVRE DAQUELA ABORDAGEM INUSITADA, PROCURO UM HORIZONTE DE FUGA.

SOU LÍVIA, NÃO SE LEMBRA DE MIM?

DEPRESSA, VAMOS AOS OLHOS! TENTO ACHAR NOS OLHOS DELA UMA RECORDAÇÃO QUE ME SALVE! DEIXA-ME VÊ-LOS... (DEPRESSA, A FIGURA AGUARDA RESPOSTA) SÃO OLHOS BRINCAHÕES E SOFRIDOS COMO OS MEUS. E HÁ, NOS OLHOS DELA, LÁ DENTRO DELES CASTANHOS, UMA SINCERIDADE ALTANEIRA, LAIVOS DE UMA FELICIDADE ANTIGA E CONFIANTE. QUEM SERÁ ESSA LÍVIA?



QUEM SERÁ ESSA? UMA COLEGA DE CLASSE, A RUMBEIRA DE CIRCO A QUEM CONCEDI OS ÚLTIMOS CINCO MIL RÉIS DO MEU DOMINGO, UMA PUTA ABORDADA NOS CABARÉS DA INFÂNCIA, OU SERÁ A FILHA DO VIZINHO, A QUEM JUREI AMAR ETERNAMENTE?

NO ABRAÇO, CHEIREI OS SEUS CABELOS, PASSEI A MÃO ONDE NEM DEVIA, COM TERNURA TAL QUE ME RECONDUZISSE A QUALQUER RESQUÍCIO DE MEMÓRIA. QUE NADA, QUEM SERIA ESSA MULHER TÃO AGRAVÁVEL AO ABRAÇO? ELA, MENOR QUE EU, METIDA NO CARINHO FALSO DOS MEUS BRAÇOS, ACONCHEGADA E TRÊMULA. EU, TRÊMULO TAMBÉM, QUASE SOÇOPRANDO ÀS VERTIGENS DO ABISMO, PERDIDO E FALSO:



LÍVIA, COMO VAI? TITUBEIO ESPERTO.



LÍVIA, ME PERDOE A VELHICE, FAZ TANTO TEMPO! EU ME ESQUECI DE VOCÊ.

- EU FUI A SUA PRIMEIRA NAMORADA, TONHO AMARAL! COMO SE ESQUECEU DE MIM?

DECIDIDAMENTE, AS RUAS GUARDAM ARMADILHAS.

AMARAL CAVALCANTE

EM CADA ESQUINA, O GOVERNO DE SERGIPE TEM
EM CADA GESTO, ORGULHO DE PRESERVAR A
EM CADA MANIFESTAÇÃO, NOSSA HISTÓRIA QUE
NOSSA CULTURA ESTÁ MAIS VALORIZA ACMA DE TUDO
VIVA DO QUE NUNCA. A NOSSA GENTE.



MUSEU PALÁCIO OLÍMPIO CAMPOS



MUSEU DA GENTE SERGIPANA



PRAÇA SÃO FRANCISCO



